

MARIA IZABEL BARBOZA DE MORAIS OLIVEIRA
(Organizadora)

AS DIVERSAS LINGUAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA I



EDLIFMA

AS DIVERSAS LINGUAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA I



Universidade Federal do Maranhão

Reitor Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva
Vice-Reitor Prof. Dr. Leonardo Silva Soares



SIBi

SISTEMA INTEGRADO
DE BIBLIOTECAS

Sistema Integrado de Bibliotecas

Diretor Prof. Dr. César Augusto Castro



EDUFMA

Editora da UFMA

Coordenadora Irenilma Cadête Lima

Conselho Editorial Profa. Dra. Andréa Katiane Ferreira Costa
Profa. Dra. Débora Batista Pinheiro Sousa
Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa
Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva
Profa. Dra. Jussara Danielle Martins Aires
Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa
Prof. Dr. Luís Henrique Serra
Prof. Dr. Luiz Eduardo Neves dos Santos
Profa. Dra. Luma Castro de Souza
Prof. Dr. Márcio José Celeri
Profa. Dra. Maria Áurea Lira Feitosa
Profa. Dra. Raimunda Ramos Marinho
Profa. Dra. Rosângela Fernandes Lucena Batista
Bibliotecária Iole Costa Pinheiro



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira
(Organizadora)

AS DIVERSAS LINGUAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA I

SÃO LUÍS



EDUFMA

2026

© 2026 OS AUTORES - Todos os direitos reservados

Revisão de língua portuguesa: *Maria Izabel Barboza de Morais Oliveira*

Revisão de normalização: *Maria Izabel Barboza de Morais Oliveira*

Projeto gráfico e diagramação: *Francisco Batista Freire Filho*

Ilustração da capa: *James Moraes Rodrigues*

Ilustração dos capítulos: *Os autores*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

As diversas linguagens no ensino de história I / Maria Izabel Barboza de Morais Oliveira (organizadora). — São Luís: EDUFMA, 2026.

144 p.: il.

ISBN 978-65-5363-559-3

1. História – Linguagens - Ensino. 2. Consciência negra. 3. PIBID de história – UFMA. 4. História – Ensino - Pandemia. 5. História indígena. I. Oliveira, Maria Isabel Barboza de Morais.

CDD 907

CDU 930:37

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Marcia Cristina da Cruz Pereira
CRB 13 / 418

Editado no Brasil [2026]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microfilmagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

| EDUFMA | Editora da Universidade Federal do Maranhão

Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga

CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil

Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira	
1. VIVÊNCIAS DO PIBID DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DA COVID-19	10
Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira Ana Célia Galdez	
2. ENSINO DE HISTÓRIA: discussão acerca da questão racial e afrodescendente na educação	22
Elizabeth Rodrigues Silva	
3. DEBATE SOBRE O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA: uma forma de entender a sua importância e os significados ocultos	32
Camilly Pavão Ferreira	
4. A APLICABILIDADE DO PIBID EM UM CONTEXTO ATÍPICO: experiências e vivências	42
José Vinicius dos Anjos Reis	
5. AS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: o uso de diversas linguagens	58
Ana Karen Lopes Almeida	
6. AS DIVERSAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS DURANTE O PIBID/HISTÓRIA	72
Ingrid Dayanna Araújo Ferreira	

- 7. JORNADA PEDAGÓGICA E EVENTO DO DIA DOS POVOS INDÍGENAS: “Cultura, Trabalho, Escravização e Resistências dos Povos Indígenas no Brasil”** **84**
Allan Reis Costa
- 8. AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA** **98**
Rafael de Jesus Pinheiro Privado
- 9. A IMPORTÂNCIA DAS NOVAS METODOLOGIAS/LINGUAGENS PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA NA MODALIDADE DE ENSINO-REMOTO EM TEMPOS DE COVID-19** **107**
Anita dos Anjos Beims
- 10. ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: webinar sobre a importância da história indígena para a educação das relações étnico-raciais** **122**
Raquel Da Conceição Siqueira Araújo
- 11. ENSINO DE HISTÓRIA E O PIBID: uma reflexão sobre os desafios da Iniciação à Docência no contexto da COVID-19 (2020-2022)** **131**
Andressa Cristina de Sousa Nunes

INTRODUÇÃO

*Maria Izabel Barboza de Morais Oliveira*¹

Este livro busca compartilhar as experiências vividas durante a execução do PIBID² de História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de São Luís, primeiramente na escola Centro de Ensino Benedito Leite e depois na escola Centro de Ensino João Evangelista dos Santos, na edição que iniciou em novembro de 2020 e finalizou em abril de 2022. As atividades do PIBID foram executadas em um contexto de Covid-19. Uma das consequências dessa pandemia foi de início a paralização total das aulas na educação básica e no ensino superior; com isso, as escolas foram fechadas. Após um longo período de parada, as aulas retornaram de forma remota devido à proliferação do vírus; para isso, os professores recorreram ao Google meet, Google classroom, zoom e ao Whatsapp; esses aplicativos foram fundamentais para o ensino emergencial remoto.

1 Doutora em História Cultural pela Universidade de Brasília (UnB), Mestre em História Social pela Universidade Fluminense (UFF), Graduada em História/Licenciatura pela Universidade do Oeste do Paraná (Unioeste). Professora Associada IV da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), professora do Programa de Pós-Graduação em História e Conexões Atlânticas (PPGHis) da UFMA. Coordenadora de Área do PIBID de História do campus de São Luís (Edição 2020-2022).

2 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

O livro é composto por onze capítulos, originados dos Relatórios Finais dos integrantes do PIBID de História: 1. *Vivências do PIBID de História no contexto da Covid-19*, de Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira e Ana Célia Galdez; 2. *Ensino de História: discussão acerca da questão racial e afro-descendente na educação*, de Elizabeth Rodrigues Silva; 3. *O debate sobre o Dia da Consciência Negra: uma forma de entender a sua importância e os significados ocultos*, de Camilly Pavão Ferreira; 4. *A aplicabilidade do PIBID em um contexto atípico: experiências e vivências*, de José Vinicius dos Anjos Reis; 5. *As metodologias ativas no ensino de História: o uso de diversas linguagens*, de Ana Karen Lopes Almeida; 6. *As diversas experiências vividas durante o PIBID/História*, de Ingrid Dayanna Araújo Ferreira; 7. *Jornada Pedagógica e evento do Dia dos Povos Indígenas: “Cultura, trabalho, escravização e resistências dos povos indígenas no Brasil”*, de Allan Reis Costa; 8. *As múltiplas linguagens no ensino de História*, de Rafael de Jesus Pinheiro Privado; 9. *A importância das novas metodologias/linguagens para o ensino/aprendizagem de História na modalidade de ensino-remoto em tempos de Covid-19*, de Anita dos Anjos Beims; 10. *Ensino de História em tempos de pandemia: webinar sobre a importância da história indígena para a educação das relações étnico-raciais*, de Raquel da Conceição Siqueira Araújo; 11. *O ensino de História e o PIBID: uma reflexão sobre os desafios da iniciação à docência no contexto da Covid-19 (2020-2022)*, de Andressa Cristina de Sousa Nunes.

1.

VIVÊNCIAS DO PIBID DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DA COVID-19

Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira¹

Ana Célia Galdez²

-
- 1 Doutora em História Cultural pela Universidade de Brasília (UnB), Mestre em História Social pela Universidade Fluminense (UFF), Graduada em História/Licenciatura pela Universidade do Oeste do Paraná (Unioeste). Professora Associada IV da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), professora do Programa de Pós-Graduação em História e Conexões Atlânticas (PPGHis) da UFMA. Coordenadora de Área do PIBID de História do campus de São Luís, no Maranhão (Edição 2020-2022).
 - 2 Graduada em História/Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); Graduada em Direito pela Faculdade do Maranhão (FACAM); Pós-Graduação em Direito Tributário pela Unidade de Ensino Dom Bosco (UNDB); desde 2003 tem atuado como professora da Educação Básica em diversas escolas da rede estadual do Maranhão. Supervisora do PIBID de História do campus de São Luís, Maranhão, na escola João Evangelista Serra dos Santo (Edição 2020-2022).

Neste capítulo, buscamos compartilhar as experiências vivenciadas na execução do PIBID de História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de São Luís, na edição que iniciou em novembro de 2020 e finalizou em abril de 2022. A princípio, as atividades foram aplicadas na escola Centro de Ensino Benedito Leite; posteriormente, devido à incompatibilidade entre os(as) pibidianos(as) e o supervisor do PIBID nesta escola, mudamos para a escola Centro de Ensino João Evangelista dos Santos. As atividades do PIBID nesta edição foram executadas em um contexto de pandemia de Covid-19.

O Centro de Ensino Benedito Leite é uma escola pública estadual, oferece ensino médio. Foi fundada em 1900. Desde 1948 está localizada na Praça Antônio Lobo, Centro, em São Luís (MA).

Figura 1: Centro de Ensino Benedito Leite:



Fonte: PIBID/História UFMA
“As diversas linguagens no ensino de História”.

O Centro de Ensino João Evangelista Serra dos Santos, escola pública estadual que atende ao ensino fundamental e médio, localiza-se no Bairro São Francisco, da cidade de São Luís (MA).

Figura 2: Centro de Ensino João Evangelista Serra dos Santos:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

A EXPERIÊNCIA DE COORDENAR/ SUPERVISIONAR OS(AS) PIBIDIANOS(AS)

Em novembro de 2020, a Coordenadora de Área, Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira, criou um grupo de whatsapp com os integrantes do PIBID/História para facilitar a comunicação.

Foi feita a primeira reunião no dia 02 de dezembro de 2020, na qual a coordenadora de área, o supervisor (Robson Rüter Santos, do CE Benedito Leite) e os(as) alunos(as) se apresentaram. Em seguida, a coordenadora

de área falou sobre os objetivos do subprojeto do PIBID/História, intitulado “As Diversas Linguagens no Ensino de História”, que seria levar ao ensino da disciplina História da escola conveniada as novas linguagens no ensino de História: música, charge, história em quadrinhos, literatura e pintura histórica.

Houve reuniões mensais do Grupo de Estudos do PIBID/História. Desde o início, os(as) Pibidianos(as) foram divididos(as) pela coordenadora de área em três grupos. Quatro semanas antes de cada reunião, ela estabelecia os textos a serem apresentados por cada grupo. Cada reunião tratava de uma das linguagens no ensino de História referidas acima.

Nas Reuniões de Planejamento, que eram seguidas às reuniões dos grupos de estudos, discutia-se o que seria feito nos próximos meses e os eventos que seriam realizados. Além das reuniões mensais, as atividades a serem executadas eram discutidas também no grupo do PIBID/História no whatsapp.

Também ocorreram duas reuniões com o Núcleo de História (São Luís, Codó, Pinheiro e LESAFRO) em que os coordenadores de área, supervisores das escolas e pibidianos(as) apresentavam suas experiências e dificuldades enfrentadas devido à pandemia de Covid-19.

O PIBID/História realizou três eventos: no dia 19 de abril de 2021, o evento “Cultura, trabalho, escravização e resistências dos povos indígenas no Brasil” referente ao Dia dos Povos Indígenas; no dia 19/11/2021, o evento “Cultura Racial e a Experiência Afrodescendente no Brasil”, referente ao Dia da Consciência Negra; no dia 24 de

março de 2022, “I Webinar de Pesquisa: As Diversas Linguagens no Ensino de História” referente às linguagens trabalhadas pelo PIBID/História.

As atividades do PIBID/História eram postadas no Instagram.³

PIBIDIANOS(AS) NO AMBIENTE ESCOLAR: A EXPERIÊNCIA NO CE JOÃO EVANGELISTA DOS SANTOS

Os(as) Pibidianos(as) desenvolveram as atividades na escola Centro de Ensino João Evangelista Serra dos Santos sob a supervisão da Profa. Ana Célia Galdez. Na referida escola, a supervisora também ministrava aulas de História para o ensino fundamental e médio.

O primeiro contato da supervisora com os(as) pibidianos(as) foi por via remota. Na mesma oportunidade, em uma das reuniões, a supervisora aproveitou para esboçar as primeiras linhas de planejamento, buscando meios eficazes e seguros de realizar esse trabalho apesar das limitações impostas por conta da pandemia de Covid-19.

Após a apresentação, muitas sugestões foram apresentadas até chegarem ao consenso de que poderiam inicialmente manter contato com o alunato de forma não presencial, através das ferramentas tecnológicas, dentre elas, as plataformas do Google Meet, Zoom, Google Classroom e pelo Whatsapp. Este último foi escolhido pela facilidade de acesso entre os alunos. Inclusive, mui-

3 Link: <https://www.instagram.com/historia.pibid/>

tos desses celulares eram compartilhados com os seus respectivos pais. Então, foi criado um grupo no whatsapp com os alunos, os pibidianos e a supervisora Ana Célia Galdez.

Para melhor executar esse trabalho foram divididas as quatro turmas da escola entre os(as) pibidianos(as). Cada dupla ficou responsável pela monitoria de uma dessas turmas. As duplas interagem com as turmas através dos seguintes meios: indicação de vídeos, documentário sobre a grade curricular, bem como a aplicação de atividades, textos para leitura etc.

Em outro momento, quando houve flexibilização das medidas sanitárias, iniciaram os encontros presenciais que possibilitaram aos(as) pibidianos(as) visitarem as suas respectivas turmas. Alguns deles foram além, planejaram e ministraram aulas presenciais, uma experiência que com certeza fará diferença na vida profissional de cada um desses universitários.

Houve empenho, interesse e comprometimento dos(-das) pibidianos(as) durante o desenvolvimento de suas atividades. Todos(as) contribuíram para que o alunato se sentisse motivado em participar das atividades propostas. Os(as) pibidianos(as) também tiveram contato com todo corpo administrativo da escola, observando o seu funcionamento, direção, coordenação, portaria, merendeiras etc, ganhando a simpatia e admiração de todos(as).

EVENTO NA ESCOLA: O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

A coordenadora de área, supervisora e pibidianos(as) do PIBID/História organizaram o evento sobre o Dia da Consciência Negra, ocorrido de forma presencial no dia 19 de novembro de 2021 no CE João Evangelista Serra dos Santos.

Figura 3: A Coordenadora de Área, Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira, fazendo a abertura do evento referente ao Dia da Consciência Negra, ocorrido no dia 19 de novembro de 2021 no CE João Evangelista Serra dos Santos⁴:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

4 Ao fundo, da direita para a esquerda do leitor: palestrante Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira, pibidiana Raquel da Conceição Siqueira Araújo e supervisora Ana Célia Galdez.

O evento tinha como tema “A Cultura Racial e a Experiência Afrodescendente no Brasil”; contou com as palestras ministradas pelos professores da UFMA, Profa. Me. Maria da Graça Reis Cardoso, “Tambor de Mina: uma experiência com o sagrado a partir do terreiro de Yemanjá”, e Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira, “A questão racial brasileira: eco de uma voz dissonante”.

Figura 4: Pibidianos(as), coordenadora de área, supervisora, diretora do CE João Evangelista Serra dos Santos e professores palestrantes⁵:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

5 No auditório, da direita para a esquerda do leitor: pibidiano José Vinicius dos Anjos Reis, pibidiano Rafael Privado, pibidiana Raquel da Conceição Siqueira Araújo, pibidiana Camily Pavão Ferreira, palestrante Profa. Me. Maria da Graça Cardoso, palestrante Prof. Dr. Josenildo Pereira, coordenadora de área Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira, diretora da escola Profa. Elcia Luciene Cantanhede Fiuza, supervisora Profa. Ana Célia Galdez, pibidiana Ingrid Dayanna Araujo Ferreira, pibidiana Ana Karen Lopes Almeida, pibidiana Elizabeth Rodrigues Silva e o ouvinte Jorge Ricardo Silva de Melo.

Nesse encontro, o corpo discente e docente do CE João Evangelista Serra dos Santos com as pessoas ali presentes foram apresentadas com duas palestras capazes de nos fazer entender a questão racial no Brasil, bem como abrir uma porta de reflexão sobre a forma pejorativa como ainda são vistas as religiões de matrizes africanas por uma parcela grande da população brasileira. Foi um momento que oportunizou desmistificar falsos conceitos, sendo muito elogiado por todos os presentes no evento.

Em sua palestra, o Prof. Josenildo de Jesus Pereira abordou o texto *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon (1925-1961), filósofo político, psiquiatra e revolucionário marxista martinicano, que combateu o racismo e o colonialismo. No referido texto, Fanon afirma a estrutura racista da Europa:

De uma vez por todas, afirmamos este princípio: uma sociedade é racista ou não é.

(...)

Sim, a civilização europeia e seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo racismo colonial.

(...)

A Europa tem uma estrutura racista (Fanon, 2020, p. 101, 105-107).

De acordo com este autor, é o racista europeu que se considera superior aos colonizados quem cria a ideia de que esses são inferiores:

Um branco na colônia nunca se sentiu inferior no que quer que fosse; (...) O colonizador, embora esteja 'em minoria', não se sente inferiorizado. Há na Martinica duzentos brancos que se consideram superiores a 300 mil indivíduos de cor. Na África Austral, há dois milhões de brancos para cerca de 13 milhões de nativos, e a nenhum nativo ocorreu a ideia de se sentir superior a um branco minoritário. (...) A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Tenhamos a coragem de dizer: *é o racista que cria o inferiorizado* (Fanon, 2020, p. 107).

Compreenderemos a psicologia do homem que provoca no nativo o sentimento de inferioridade quando consideramos o real motivo de os colonialistas europeus, que na maioria das vezes são comerciantes/traficantes, irem para as colônias, que é enriquecer rapidamente (Fanon, 2020, p. 121).

No Brasil, a intolerância religiosa aos adeptos de religiões de matriz africana é inerente ao racismo estruturado neste país desde a chegada dos colonizadores. Os ritos e costumes dos africanos escravizados foram demonizados e discriminados por séculos (Jesus & Jesus, 2025, p. 1).

Conforme Gislene Santos, no Brasil, no século XIX, a perseguição aos africanos era estampada nos jornais que disseminavam a ideia de inferioridade dos negros; essas notícias propagavam teorias racistas:

A reprodução no Brasil de todos os preconceitos europeus se dava letra por letra. A perseguição aos africanos que eram símbolo de barbárie, de decadência cultural e de inferioridade era retratada nos jornais da época de forma corriqueira entre uma e outra notícia.

Lidas e relidas com certa frequência, essas notícias, em vez de informar a população, disseminavam teorias racistas (Santos, 2002, p. 128).

A intolerância religiosa contra religiões de matriz africana é um produto de racismo estrutural, enraizado na sociedade (Pereira, 2025, p. 10). Apesar de a Constituição Federal de 1988 estabelecer no inciso VI do Art. 5º a inviolabilidade da liberdade de consciência e crença, garantindo o livre exercício dos cultos religiosos e a proteção aos locais de cultos (Brasil, 2024, p. 13), a intolerância a religiões de matriz africana ainda é muito forte no Brasil atual.

A escola é fundamental para se trabalhar a questão da diversidade, desenvolvendo em seus alunos o respeito às diferentes culturas, etnias e manifestações religiosas. Por isso, a importância dos temas tratados pelos dois palestrantes do evento.

REFERÊNCIAS

Brasil. [*Constituição (1988)*]. Constituição da República Federativa do Brasil. [recurso eletrônico] — Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2024.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

JESUS, Marilene Lopes de; JESUS, Claudemir Santos de. As faces da intolerância às religiões de matriz

africana. In: *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, ano 8, vol. VIII, n.18, jan.-jun., 2025.

PEREIRA, Julia Paulo. Intolerância contra religiões de matriz africana e a prática do sacrifício. In: *Revista Eletrônica da OAB-RJ.*, 2025.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. *A invenção do “ser negro”*: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

2.

ENSINO DE HISTÓRIA: discussão acerca da questão racial e afrodescendente na educação

Elizabeth Rodrigues Silva¹

1 Graduada em História na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pibidiana do PIBID de História do campus de São Luís (Edição 2020-2022), coordenado pela Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira.

INTRODUÇÃO

Dentre várias atividades desenvolvidas no PIBID/História, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), foi pensado em desenvolver o relato com base na experiência da palestra referente ao Dia da Consciência Negra, uma vez que a abordagem do tema central da atividade foi “A Cultura Racial e a Experiência Afrodescendente no Brasil”. Assim, a palestra proferida pelo Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira intitulou-se “A questão racial brasileira: ecos de uma voz dissonante”, já a palestrante Profa. Me. Maria da Graça Cardoso discorreu sobre “Tambor de Mina: uma experiência com o sagrado a partir do terreiro de Yemanjá”.

No momento da escolha da determinada atividade, foi pensado na importância de retratar um assunto dessa magnitude, principalmente pelo meio que essa experiência pôde ser desenvolvida. O campo educacional da escola em trabalho foi um aliado nesse processo e na sua aplicação. Trazendo a possibilidade de apresentar aos jovens estudantes acerca da questão racial, e as manifestações da cultura e mesmo crença afrodescendente, desenvolvendo a aproximação com essas questões e também o olhar crítico perante a tais temáticas.

Quando foi pensado em relatar sobre a palestra, o intuito principal foi trazer uma experiência fora da sala de aula, mas ainda no ambiente escolar. Fazendo desse modo a aproximação do ensino superior e também o fundamental e o médio, mostrando que é possível desenvolver uma parceria entre diferentes níveis da educação: os

alunos da escola que estão se preparando para a vida e os demais discentes e docentes da universidade que estabelecem e passam seus conhecimentos adquiridos na academia para os demais estudantes. Todavia, para que as temáticas pudessem ser desenvolvidas e transmitidas para os estudantes da escola, foi necessário a experiência dos palestrantes na temática, assim como o embasamento na teoria para que a prática pudesse ser desenvolvida.

Para o desenvolvimento do relato vigente, foram utilizados teóricos que dialogam com o tema central e as demais temáticas que foram abordadas na palestra. Por se tratar da questão racial e afrodescendente, buscou-se textos que permeiam esses assuntos e que recorrem de forma concisa no diálogo com a educação por se tratar de uma experiência voltada para a licenciatura. Utilizamos como fundamento teórico o livro “O espetáculo das raças” da historiadora Lília Schwarcz; assim como um artigo da historiadora Circe Bittencourt “Reflexões sobre o ensino de História”; e outro artigo de Valdemir Zamparoni, com o tema “A África e os Estudos Africanos no Brasil. Passado e Futuro”.

ESTRUTURAÇÃO E APLICAÇÃO DA PALESTRA

A palestra ocorreu na Escola Centro de Ensino João Evangelista Serra dos Santos, localizada na rua 11, S/N no bairro São Francisco, São Luís-MA. A instituição é estadual e oferece ensino aos alunos que habitam tanto na área do bairro São Francisco como aos bairros pró-

ximos. O ensino é voltado para o ensino fundamental, assim como o ensino médio, tendo a divisão dos turnos entre matutino e vespertino, para que a escola consiga comportar todos os alunos matriculados na instituição. O turno matutino possui como foco os alunos do 9º ano (fundamental final II) e 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, sendo a entrada na escola das 7:30 até 11:30 da manhã. Quanto ao turno vespertino, os alunos que ingressam nesse horário são das turmas referentes do 6º ao 8º ano do ensino fundamental, com entrada de 13:30 e saída às 17:30 da tarde.

Pelo fato de o PIBID nessa escola estar sendo desenvolvido no 9º ano do ensino fundamental II, turmas 900, 901, 902 e 903, a palestra foi programada para o turno matutino, correspondente ao ano em questão. A princípio, muitas das ideias para a palestra foram discutidas no grupo de Whatsapp do PIBID/História, pois este era um veículo de fácil comunicação. As primeiras ideias foram referentes ao tema que seria a palestra e quais professores da UFMA seriam os devidos palestrantes. Após o deferimento do tema e dos professores, foi discutida a data que ocorreria de fato a palestra. A escolha da realização da palestra referente ao Dia da Consciência Negra foi justamente para retratar esse dia e mesmo as lutas que ainda são travadas na sociedade brasileira, seja na cor da pele, seja na aceitação das religiões de matrizes africanas.

A data escolhida foi a véspera do Dia da Consciência Negra, no dia 19/11/2021, sexta-feira, às 9:00 horas da manhã. Apesar desse horário ter sido definido, tanto a coordenadora do PIBID/História (Maria Izabel Barboza

de Moraes Oliveira), a supervisora (Ana Célia Galdez) e os(as) Pibidianos(as) ficaram responsáveis por chegar mais cedo para organizar tudo no auditório, local onde foi desenvolvida a atividade. O auditório, por não ser tão grande, teve um número certo de alunos no local, havendo assim um rodízio para que os alunos do 9º ano pudessem assistir a palestra. Quanto ao suporte para que o evento fosse feito, houve uma colaboração tanto do PIBID/História quanto da escola CE João Evangelista Serra dos Santos. A diretora Elcia Luciene Cantanhede Fiuza, as supervisoras e professores da instituição se mostraram solidários e acolhedores para a atividade que seria desenvolvida.

Em um primeiro momento, a fala foi dada ao Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira, que teve como tema da sua palestra “A questão racial brasileira: ecos de uma voz dissonante”. A sua fala abordou de forma concisa a questão racial, trazendo a possibilidade de entendimento do assunto e a construção e condição do racismo imposto na realidade brasileira. Portanto, ele demonstrou que as ações decorrentes do racismo são fundamentadas nas relações de exploração e subalternidade, que surgiram na violência da escravidão e se mantiveram fortes no cultural.

Trazer esses discursos deixa evidente que as atitudes do presente se fundamentam e transcorrem das ações do passado, por vezes. Em primeiro momento da escravidão no Brasil e em segundo momento as relações que se estabelecerão nesse sistema. Os processos de miscigenação lembram de como, por um lado, ela foi vista com bons olhos, já em outros, manifestada de forma negativa e de-

preciativa. A exemplo disso, o Brasil teve um julgamento dos países europeus marcado pelo descontentamento da miscigenação e o que possivelmente ela poderia ocasionar. Segundo a historiadora e pesquisadora Lília Schwarcz,

Tendo em mente essa “representação mestiça” que se fazia do país e a grande incidência de teorias que priorizavam o tema racial na análise dos problemas locais, a intenção deste trabalho é entender a relevância e as variações na utilização desse tipo de teoria no Brasil, no período que vai de 1870 a 1930 (Schwarcz, 1993, p. 12).

A referida autora faz uso desse tema na sua obra “O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930”. Fala de como a miscigenação ganha palco nos debates sobre o processo de miscigenação, tanto no Brasil do final do século XIX e começo do século XX como também na Europa. Demonstra que esse olhar mais crítico e mesmo severo provém das Teorias Raciais, que se destacam nesse período. A discussão faz nascer o entendimento da prática de como olhar o “outro”, que quase sempre é fundamentada na construção das suas próprias crenças e entendimento de mundo. O racismo e tudo que ele engloba se adequa a novos tempos e mostra-se presente de uma forma mais complexa e enraizada.

O entendimento dessa realidade faz pensar que mesmo nos dias de hoje existe a busca, principalmente na educação, pela apresentação desses assuntos em sala de aula, como também aplicar o tema da história da África. Exibir tais assuntos no ambiente educacional mostra a

realidade brasileira afrodescendente, como também resgata uma história que por muito tempo foi dos vencedores, com características bem definidas. Ou seja, negros, indígenas ou qualquer outro grupo minoritário, não era visto e muito menos era representado. Embora essa tenha sido a realidade por muito tempo, o cenário de ensino brasileiro mudou, se tornando obrigatório o ensino da África e a cultura e práticas afrodescendentes, como apresentado por Valdemir Zamparoni:

Temos já desde 2002 uma lei federal (10. 639) que torna obrigatório o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira do ensino fundamental ao médio, mas o desafio fundamental que encontramos que encontramos é capacitar pessoas para que ambas os pólos dicotômicos sejam superados (Zamparoni, 2007, p. 48).

Mediante a essa realidade educacional, fica evidente que o ensino de História passou por uma série de transformações. Apresentando a princípio uma história pautada na exaltação do homem branco, que possuía algum poder aquisitivo e influência social. Como apresentado por Circe Bittencourt:

O Ensino de História se destaca por mudanças marcantes em sua trajetória escolar que a caracterizavam, até recentemente, como um estudo mnemônico sobre um passado criado para sedimentar uma origem branca e cristã, apresentada por uma sucessão cronológica de realizações de “grandes homens” para uma “nova” disciplina constituída sob paradigmas metodológicos que buscam incorporar a multiplicidade de sujeitos

construtores da nação brasileira e da história mundial (Bittencourt, 2018, p. 127).

Diante das mudanças que ocorreram, grupos até então esquecidos começaram a ganhar visibilidade na construção do ensino que seria passado em sala de aula. As religiões, por exemplo, marcam a influência do processo de colonização no Brasil, embora outras religiões tenham ganhado seu devido espaço no Brasil, até mesmo pelo Estado ser laico. Porém, religiões de matrizes africanas ainda sofrem com a constante intolerância e discriminação. Na palestra da professora Maria da Graça Cardoso, “Tambor de Mina: uma experiência com o sagrado a partir do terreiro de Yemanjá”, ela resgatou a sua própria história na sua religião, tratando desse assunto tão importante para a sociedade brasileira e para a própria educação. Principalmente dos jovens que tiveram o privilégio de escutar a sua fala.

Com a construção do conhecimento das duas palestras, o trabalho realizado conseguiu atingir as expectativas. Pois proporcionou um conhecimento do trabalho na escola para os(as) Pibidianos(as), entendendo as suas dinâmicas educacionais e mesmo o contato e aplicação da *teoria-prática* no meio educacional. Os alunos que tiveram contato com as palestras mostraram grande interesse na fala dos professores e certamente agregaram à sua realidade de ensino os saberes adquiridos na palestra.

Figura 1: Cartaz de divulgação do evento do PIBID de História referente ao Dia da Consciência Negra:

PIBID/HISTÓRIA: As diferentes linguagens no ensino da História

A CULTURA RACIAL E A EXPERIÊNCIA AFRODESCENDENTE NO BRASIL

19.11.2021
SEXTA • 9H

CE JOÃO EVANGELISTA
SERRA DOS SANTOS

PALESTRANTES:

Maria da Graça Reis Cardoso
Professora do Departamento de Turismo e Hotelaria da UFMA;
Doutoranda do PPGHIS-UFMA; Mestre em Educação; Turismóloga

**"Tambor de Mina: uma experiência com o
sagrado a partir do Terreiro de Yemanjá".**

Josenildo de Jesus Pereira
Graduado em História, UFMA; mestrado pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo; Doutorado pela USP;
Professor do curso de História/UFMA e do PPGHIS-UFMA

**"A questão racial brasileira:
ecos de uma voz dissonante".**

Realização

Pibid

DEHIS/CCH
Departamento de História
Campus São Luis

CAPES

Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida mostrou como o espaço educacional pode se apresentar múltiplo. Pois nesse campo permeia as variadas formas de apresentar e resgatar o saber, seja na prática dos docentes ou mesmo nas atitudes dos discentes. Fazer parte dessa experiência possibilitou

entender ainda mais a escola, como os funcionários se dispõem para que ela se desenvolva e seja também um alicerce para os demais alunos residentes.

Foi possível ter uma noção de como as ações na escola podem ser aplicadas e direcionadas para que os alunos aprendam da melhor forma possível, entendam de fato os conteúdos apresentados. Quando futuramente estiver já como docente em sala de aula, lembrarei da experiência e como é importante o diálogo, cooperação e empatia aos alunos para que o ambiente escolar não seja apenas um local de aprendizado, mas também de alicerce e acolhimento.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, C. F. Reflexões sobre o ensino de História. *Estudos Avançados*, 32(93), p. 127-149, 2018.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ZAMPARONI, Valdemir. A África e os Estudos Africanos no Brasil. Passado e Futuro. *Cienc. Cult.*, vol.59, n. 2, p. 46-49, 2007.

3.

DEBATE SOBRE
O DIA DA
CONSCIÊNCIA
NEGRA: uma
forma de
entender a sua
importância e
os significados
ocultos

Camilly Pavão Ferreira¹

¹ Graduada em História na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pibidiana do PIBID de História do campus de São Luís (Edição 2020-2022), coordenado pela Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira.

INTRODUÇÃO

A escolha da experiência em questão parte da importância de entender o dia 20 de novembro não apenas como uma data, mas da necessidade de entendê-la dotada de toda importância que possui, da necessidade do reconhecimento das lutas e resistências de homens e mulheres negros por detrás. Sendo assim, as considerações apresentadas amparam-se nas palestras ministradas pelos professores Josenildo de Jesus Pereira e Maria da Graça Reis Cardoso, e apoiada teoricamente na produção intelectual de alguns autores que discutem a temática em artigos, também do material utilizado nas reuniões mensais do PIBID/História.

A preferência por esta temática também é fruto de uma escolha pessoal, pois, enquanto mulher negra, busco pela compreensão das estruturas que marginalizaram, e ainda marginalizam, homens e mulheres negros independentemente de faixa etária. Sendo assim, falar do caminho percorrido por aqueles que vieram antes de mim, que lutaram, resistiram de diferentes formas e deram sentido ao 20 de novembro como Dia da Consciência Negra, faz parte do meu papel enquanto fruto desse meio.

A IMPORTÂNCIA DE SE DISCUTIR SOBRE O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

No dia 19 de novembro de 2021, por volta das 9h e 30min da manhã, deu-se início ao evento intitulado “A

cultura racial e a experiência afrodescendente no Brasil”, organizado pelo PIBID/História, e realizado na escola CE João Evangelista Serra dos Santos, na cidade de São Luís, Estado do Maranhão, em alusão ao Dia da Consciência Negra. Para a sua realização, foram convidados o Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira, abordando a questão racial no Brasil, e a Profa. Me. Maria da Graça Reis Cardoso, falando das suas experiências pessoais com o sagrado enquanto adepta de uma religião de matriz africana.

Figura 1: Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira proferindo palestra no evento do PIBID de História referente ao Dia da Consciência Negra, ocorrido no dia 19 de novembro de 2021 no CE João Evangelista Serra dos Santos:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

Logo dando início ao ciclo de palestras, o Prof. Dr. Josenildo Pereira começou os seus apontamentos fazendo alusão histórica ao tráfico transatlântico e à escravidão negra, nos dando margem para compreender as resultantes desse processo atualmente em nossa sociedade, nesse caso, o racismo. Mais à frente, pontuou a situação de marginalidade enfrentada pelos indivíduos vítimas do racismo, sujeitos negros que compõem a maior parte da população brasileira. A este respeito, conforme Andrade, “Olhando para a população negra (pretos e pardos), temos que ela compõe 75% das pessoas que vivem em situação de pobreza no país, mesmo sendo a maior parcela da população nacional (54,9%), segundo o IBGE” (Andrade, 2018).

A situação de vulnerabilidade supracitada é resultado de um processo que dura desde o período pós-abolição, em que os indivíduos libertos não receberam assistência do Estado para serem incluídos na sociedade, como oferta de moradia e empregos; pelo contrário, tais oportunidades foram oferecidas aos europeus, sujeitos de fora, em vista da melhor aceitação do indivíduo branco na sociedade brasileira, e até mesmo como resultado da política eugenista que permeou o século XIX.

Entender que a origem das desigualdades se apresenta como uma estrutura sustentada e propagada por séculos a fio foi o primeiro passo para uma compreensão mais alargada sobre essa temática. No decorrer da palestra foram explicitadas as origens dos preconceitos e do racismo assentado numa consciência de que existem seres mais ou menos desenvolvidos, e aqui desenvolvido apresenta uma

conotação de “superioridade” que se assenta na variável da raça. Mas, ao contrário do que muito se pensa, tais categorias não são naturais, foram criadas, em especial no século XIX. A cultura no século XIX pressupõe a existência de sujeitos mais ou menos desenvolvidos a depender da forma como se organizavam, tendo como parâmetro para isso o modo de vida e cultura europeus. Dessa forma, tivemos a criação de teorias raciais que propõem uma escala hierárquica em que o homem europeu estaria no topo. Como apontado por Robert Young,

a raça era definida em termos de diferença cultural, particularmente diferença de gênero [...] Estabeleceu-se uma hierarquia racial sobre uma hierarquia social que é cultural: no topo da hierarquia estavam aqueles com mais civilização – homens-, e na base aqueles que eram considerados seres desprovidos de tal atributo, ou seja, os “primitivos” (Young, 1950).

Sendo assim, o racismo pressupõe a distinção e inferiorização de sujeitos ou grupos baseadas numa concepção de raça, questões muito bem colocadas que acrescentaram muito na minha formação acadêmica, e que me possibilitará uma possibilidade nova de repassar o que aprendi aos meus futuros alunos em sala de aula.

Em seguida, a professora Maria da Graça Cardoso deu início às suas falas, abordando as suas vivências enquanto praticante de uma religião de matriz africana, falando da sua noção inicial acerca desta, baseada numa perspectiva etnocentrada, e da mudança tida após vivenciá-la. Falou também dos preconceitos praticados por

pessoas de fora, que, utilizando-se do jargão do cristianismo, demonizam as religiões de matrizes africanas numa perspectiva de que “tudo que era preto era do demônio” tal qual nos aponta Baco Exu do Blues em sua canção (Blues, 2018).

Figura 2: Profa. Me. Maria da Graça Reis Cardoso proferindo palestra no evento do PIBID de História referente ao Dia da Consciência Negra, ocorrido no dia 19 de novembro de 2021 no CE João Evangelista Serra dos Santos:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

A prática das religiões de matrizes africanas também é uma forma de resistência negra, de reavivar a memória e a cultura daqueles que vieram antes de nós. Como nos aponta Joel Rufino dos Santos,

todas as entidades de qualquer natureza, e de todas as ações de qualquer tempo (aí compreendidas mesmo

aquelas que visavam autodefesa física e cultural do negro), fundadas e promovidas por pretos e negros [...] entidades religiosas (como terreiros de candomblé, por exemplo) (Domingues, 2007).

Estar em contato com relatos de experiências diferentes das minhas foi importante para o conhecimento da realidade do outro, realidade essa a qual por vezes estive alheia. Levando em consideração que vivemos em um país predominantemente de cristãos, reconhecer a existência de outras religiões que não seja o cristianismo, em especial das religiões de matrizes africanas, é recordar e validar a existência de outros sujeitos, de outras crenças. Essencial ainda para a prática do respeito à cultura do outro e às suas crenças. E isso se aplica a minha realidade enquanto futura profissional da educação justamente porque, em sala de aula, vou me deparar com diferentes realidades, realidades essas que, por vezes, serão diferentes das minhas, quer seja em se tratando da origem do aluno, da sua vivência, e da sua experiência com o sagrado. O entendimento de questões como essas é um passo à frente para a prática do respeito ao outro.

Compreender as diferentes formas em que o racismo opera, quer seja na esfera econômica, política ou social, foi essencial, principalmente se levarmos em consideração que o público-alvo das palestras eram os adolescentes. Ouvir as exposições feitas pelos professores serviu, e muito, para ampliar as minhas percepções sobre essas questões, principalmente porque o racismo atua às vezes de formas quase invisíveis, isso justamente por causa do

tempo que o cristaliza, nos fazendo ter a noção de que o caráter de inferioridade atribuído por ele a sujeitos racializados, como sendo algo que sempre foi, mas, enquanto estudante de História e aprendiz dessas estruturas, terei a possibilidade de instigar o pensamento crítico dos meus alunos a não percebê-las como parecem, cavando a fundo até encontrar a sua raiz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palestras ministradas pelos professores foram essenciais para a compreensão de todos, em especial dos alunos da escola CE João Evangelista Serra dos Santos, que estão inseridos no processo de aprendizagem contínua; a mim, que não escapo dessa dinâmica, e aos demais colegas, principalmente por se tratar de uma data tão significativa para o povo negro. Essencial para destruir mitos, como, por exemplo, o do “lugar-natural” do negro, que se refere a condições de inferioridade, de subalternidade. Importante também para entendermos a resultante de um processo de exploração que durou séculos, o racismo, e ainda para percebermos que, mesmo após pouco mais de um século de libertação do povo negro, seguimos vivendo sob as consequências de um processo que se estruturou, fomentando as desigualdades enfrentadas por estes ainda hoje.

As experiências desenvolvidas no dia 19 de Novembro de 2021 no CE João Evangelista Serra dos Santos foram de suma importância para entender que por trás

do dia vinte de novembro existe uma história cheia de opressão, de marginalização, mas também de luta e de resistência daqueles que pelejaram para instituir esse dia para remontar ao passado e aos que foram vítimas de uma leitura de inferioridade que se cristalizou, para lembrar os maus tratos pelos quais os sujeitos negros passaram, e ainda passam, ao longo de sua existência, para a melhor compreensão do meu cenário social, bem como das demais esferas que regem a nossa sociedade.

No mais, tal experiência cooperou de forma direta para a minha formação enquanto estudante de licenciatura em História, uma vez que me permite reconhecer e identificar processos que foram normalizados socialmente, cabendo a mim, em sala de aula, desmontá-los para posteriormente remontá-los, juntamente com os alunos, a fim de melhor compreender de que forma, e por quais motivos, se cristalizaram. Principalmente por ter se tornado obrigatório o ensino de “História da África e cultura afro-brasileira” mediante a lei N° 10.639, de 2003 (Machado, 2007), o que pode ser considerado uma vitória.

REFERÊNCIAS

- BLUES, B. E.. *Bluesman* [Gravado por B. E. Blues]. Brasil, 2018.
- DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, 23, p. 100-122, 2007.
- MACHADO, M. C.. (9 de Novembro de 2007). *Lei obriga ensino de história e cultura afro*. Fonte: Ministério

da Educação: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/202-264937351/9403-sp-482745990>.

YOUNG, R. J.. *Sexo e Desigualdade*: a construção cultural da raça. In: _____. *Desejo Colonial* - hibridismo em teoria, cultura e raça. São Paulo: Perspectiva, 1950.

4.

A APLICABILIDADE DO PIBID EM UM CONTEXTO ATÍPICO: experiências e vivências

José Vinicius dos Anjos Reis¹

1 Graduação em História na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pibidiano do PIBID de História do campus de São Luís (Edição 2020-2022), coordenado pela Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira.

INTRODUÇÃO

No ano de 2020 fomos surpreendidos com a pandemia do Covid-19, que até então não se tinha uma perspectiva de fim por mais que a ciência tenha sido uma porta de esperança e de perspectiva para um futuro melhor com o avanço da vacinação em massa. Isso gerou uma série de consequências catastróficas, inclusive uma parada nas aulas, tanto da educação básica quanto na educação superior; e mesmo após o retorno de forma totalmente remota das aulas do ensino superior, o PIBID também continuou totalmente remoto devido à proliferação de tal vírus.

Sendo assim, apesar da parada na educação com o fechamento das escolas, com a ausência dos alunos, dos professores e dos profissionais da educação em geral, plataformas como Google meet, zoom, Google classroom e o próprio Whatsapp ganharam destaque para que as aulas síncronas voltassem a ser ministradas após um longo período de parada. Óbvio que a maioria da população não estava familiarizada com tais aplicativos, que inclusive já existiam, porém tais aplicativos deram suporte para iniciar um ensino emergencial remoto.

Entretanto, a educação nesse momento pandêmico vai se tornando cada vez mais desigual e excludente, uma vez que esse ensino emergencial remoto não democratiza a educação para todos. Segundo a pesquisa do IBGE, no ano de 2019 cerca de 4,3 milhões de estudantes em todo o Brasil não tinham acesso à Internet. Isso só reitera que 4,3 milhões de estudantes entraram na pandemia sem acesso à rede de dados móveis com Internet ou *wi-fi* em

casa, o que é alarmante. Junto a esse dado exposto pelo IBGE, podemos perceber também que a falta de aparelhos tecnológicos decentes para assistir as aulas síncronas remotas são empecilhos presentes na vida da maioria dos estudantes, gerando uma exclusão educacional e digital imensa. Esse é um grande desafio também a se pensar em como colocar o PIBID em ação nesse cenário caótico. Nesse contexto, percebe-se que a ação da pandemia moldou a sociedade e os rumos dela principalmente no que tange à educação. Em um país onde mais de 80% dos alunos provêm de escolas públicas sem muitos recursos tecnológicos e de pouca infraestrutura, a população discente e também alguns docentes se viram em situação de vulnerabilidade digital, além de econômica, é claro.

Diante dessa exposição, no ano de 2021, principalmente com a vacinação em massa, no caso da educação, as escolas da rede estadual do Maranhão começaram a voltar de forma presencial, obedecendo todas as medidas sanitárias. Isso me possibilitou realizar algumas observações e intervenções nas aulas de História, como também participar de um grande evento presencial sobre o Dia da Consciência Negra, organizado pelo PIBID/História e realizado na escola João Evangelista Serra dos Santos, uma experiência ímpar que abordarei ao longo desse relato. Conquanto, esse cenário apresentado acima só demonstra que, mesmo passando por um período atípico e de muitas incertezas, conseguimos executar as atividades programadas do PIBID usando ferramentas tecnológicas ao nosso favor, exemplos disso serão abordados também, mesmo que seja de forma superficial. Sendo assim, esse

relato de experiência será a respeito da minha vivência e observação na escola João Evangelista Serra dos Santos e sobre a realização do referido evento a respeito do Dia da Consciência Negra, promovido por nós do PIBID/História da UFMA. E por fim a respeito do evento “I Welbinário: As diversas linguagens do ensino de História”.

VIVÊNCIA NA ESCOLA, EVENTOS REFERENTES AO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA E SOBRE LINGUAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA

O Centro de Ensino João Evangelista Serra dos Santos, escola em que o PIBID/História desenvolve suas atividades, se planejou para que as atividades acadêmicas presenciais voltassem no segundo semestre de 2021, uma vez que o ensino estava sendo realizado na modalidade remota, através de plataformas do Google meet e Google classroom. Para o semestre em questão, os alunos foram divididos em ímpares e pares no ensino fundamental (alunos ímpares iriam à escola um dia sim e outro não, e os pares a mesma coisa); no caso do ensino médio, todos os alunos iriam normalmente sem nenhuma restrição.

Figura 1: Centro de Ensino João Evangelista Serra dos Santos:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

Tal instituição apresentada está sendo a porta de abertura para a execução das atividades do PIBID/História. A escola João Evangelista Serra dos Santos está localizada na rua 11, S/N, Bairro São Francisco, na cidade de São Luís. Entre os dias 05 de dezembro de 2020 a 14 de janeiro de 2022, os estudantes de graduação da UFMA que fazem parte do PIBID/História foram organizados em duplas para acompanhar as aulas de História na escola, fazendo inclusive observações, análises, intervenções e lecionando durante esse pequeno percurso de tempo. Porém, é bom situar que, antes de começar a fazer o acompanhamento das aulas de forma presencial, fomos inseridos nos grupos de WhatsApp do 9º ano e começamos a nos comunicar com os alunos, postando conteúdos coniventes aos temas estudados por eles em sala de aula.

Nesse apanhando, vivenciar a sala de aula é perceber possibilidades intransigentes de acatar práticas pedagógicas diversas, analisar a especificidade de cada aluno, compreender a realidade desses alunos e sobretudo é perceber de perto uma experiência prática sobre a docência em sala de aula. Afinal, quem faz licenciatura sempre se questiona o seguinte: “Como é estar na sala de aula?” ou “Como é ser professor?”. Perguntas como essas nos instigam a refletir sobre a docência e a vida do professor no seu cotidiano de trabalho. E o PIBID nos possibilita refletir e buscar respostas sobre essas questões, permitindo conhecer de perto e na prática o papel do professor e como ele direciona uma aula a cada 45 minutos.

Portanto, infere-se que, esses dias de observação em sala, desenvolvendo o projeto do PIBID na escola, foi uma porta de abertura para encarar de frente os empecilhos da educação. Nesse período de tempo, tivemos inicialmente o momento de conhecer os alunos do 9º ano (as turmas da 900, 901, 902 e 903). Essa foi uma experiência interessante, pois agora eu estava em uma escola não mais como discente da educação básica, mas como um observador ou “quase como professor”. Isso foi importantíssimo. Afinal, a experiência escolar é algo indispensável e indissociável para se tornar um professor capacitado. Ali, provei diferentes sensações, aprendi que ser professor não é a tarefa mais simples do mundo, é necessário domínio de turma, despertar atenção dos alunos e no caso da História relacionar os fatos do passado com o presente para o assunto fazer sentido e se tornar mais interessante para chamar a atenção dos alunos.

Portanto, mediante as diversas práticas vivenciadas na escola como Pibidiano, existe uma necessidade do professor de História mudar suas práticas pedagógicas continuamente para atender as condições de cada estudante, uma vez que o aluno só aprende quando o conteúdo realmente faz sentido para ele, se existir apenas uma hegemônica nas práticas pedagógicas acaba ocasionando um não atendimento às condições e as características de cada estudante. Neste caso, existe uma necessidade muito grande da formação continuada para os respectivos profissionais da educação, especificamente os de História. O aperfeiçoamento e a capacitação para esses profissionais trazem grandes possibilidades de realizar uma aula bem didática, coerente e prazerosa. Por isso, é de suma importância o Estado lançar programas de formações continuadas para transformar o modo de ensinar, gerando uma eficiência e uma qualidade nas metodologias abordados pelos professores no ensino de História.

E sabe-se bem que um dos pilares para um ensino de História de qualidade é ter uma didática eficiente, tanto que esse termo é bastante usado no que tange ao processo de formação do docente, pois ela é um suporte metodológico necessário na realização e na construção das aulas expositivas-dialogadas. Sabendo disso, o PIBID é um campo cheio de possibilidades que permite o desenvolvimento de várias habilidades, favorecendo a formação docente. Nesse sentido, percebi na realização do desenvolvimento do PIBID que existe uma necessidade, no caso da História, de formar cidadãos críticos-reflexivos capazes de ter pensamentos e domínios próprios. Para

ocorrer isso, práticas pedagógicas precisam ser revistas e replanejadas pelo docente com o intuito de trazer os conteúdos a partir de uma abordagem mais crítica-reflexiva, correlacionando o passado estudado com as heranças encontradas no presente.

Para além do expostos, no dia 19 de novembro de 2021, sexta feira, ocorreu o evento “A Cultura Racial e a Experiência Afrodescendente no Brasil” com palestras em diferentes horários na escola João Evangelista Serra dos Santos, cujos palestrantes são professores da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Esse foi o momento propício de reflexão e de compreensão em que os alunos perceberam que a escravidão nos legou uma sociedade altamente autoritária, a qual tratamos de reproduzir em linguagens modernas. Criamos uma nação profundamente desigual e racista. Sabendo disso, que não caímos na ilusão em pensar que o sistema escravista foi um mero modelo econômico, muito pelo contrário, ele moldou condutas, definiu desigualdades sociais e fez de raça e cor marcadores de diferenças fundamentais, como destacou a historiadora e Antropóloga Lília M. Schwarz no seu livro “Sobre Autoritarismo Brasileiro”. Para uns, ainda rodeia o mito de uma “Democracia racial” como verdade. As conquistas que o ativismo negro alcançou só demonstram como aqui não existe marca de “democracia racial” e como devemos evoluir enquanto pessoa e se juntar na luta contra o racismo, independente de cor ou classe social. A História é, entre outras coisas isso, a arte de lembrar o esquecimento, de lembrar aquilo que a sociedade tenta esconder no baú do silenciamento. Imagine

a importância desse evento para uma escola que se localiza em uma periferia onde a maioria dos estudantes são desse bairro e muitas vezes são marginalizados e estereotipados pela sua condição social, habitacional e pelas suas características fenotípicas. Nesse caso, o evento foi um precursor para os alunos terem meios coesos e coerentes de responder à altura à sociedade que os marginaliza e muitas vezes os inferioriza.

Como citei acima, a dinâmica do evento se deu em dois tempos. No primeiro tempo tivemos a presença do professor Dr. Josenildo de Jesus Pereira (professor do Departamento de História da UFMA) trazendo em suas falas exatamente a questão racial no Brasil. Isso foi uma porta de reflexão para todos os ouvintes, principalmente os alunos da escola, pois existe uma necessidade imensa de compreender como a formação nacional do Brasil foi um processo longínquo que perpassou uma série de transformação, imposição e restrição. Tal formação foi concretizada com base na violência, na opressão e no verdadeiro descaso. Por exemplo, foi constituída na Colônia um modelo sistemático escravista, cuja finalidade era trazer mão de obra escravizada da África para a manutenção da unidade econômica de Portugal. Tal sistema privou essas pessoas de quaisquer direitos e sua construção só foi possível graças a um processo de agressividade fruto da mais brutal violência. Tal conjuntura pode ser observada na atualidade, já que um sistema como esse sem dúvidas deixou resquícios; seja pela violência, pela desigualdade ou pelo próprio racismo, uma das mais cruéis heranças que o passado escravista poderia deixar dentro da socieda-

de brasileira, “um sistema como esse só poderia originar uma sociedade violenta e consolidar uma desigualdade estrutural no país” (Schwarz, 2019).

Figura 2: Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira proferindo palestra no evento do PIBID de História referente ao Dia da Consciência Negra, ocorrido no dia 19 de novembro de 2021 no CE João Evangelista Serra dos Santos²:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

No segundo momento, não distante do pensamento anterior, a Profa. Me. Maria da Graça Reis Cardoso (Professora do Departamento de Turismo e Hotelaria

2 No auditório, da direita para a esquerda do leitor, a coordenadora de área Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira é a quarta pessoa da primeira fila. Na segunda fila, da direita para a esquerda do leitor encontram-se a pibidiana Elizabeth Rodrigues Silva e o pibidiano José Vinicius dos Anjos Reis. Da esquerda para a direita do leitor está a pibidiana Ingrid Dayanna Araújo Ferreira.

da UFMA), começou sua fala mais para a temática dos tambores de minas e a experiência do sagrado a partir do Terreiro de Yemajá. Isso é o mais interessante. Aprender a historicidade do outro, compreender suas crenças e sua experiência com o sagrado por meios de rituais é uma forma de demonstrar que as religiões de matrizes africanas precisam parar de serem demonizadas e serem vistas de maneira pejorativa.

Figura 3: Profa. Me. Maria da Graça Reis Cardoso proferindo palestra no evento do PIBID de História referente ao Dia da Consciência Negra, ocorrido no dia 19 de novembro de 2021 no CE João Evangelista Serra dos Santos³:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

3 No auditório, na primeira fila, da direita para a esquerda do leitor: pibidiana Elizabeth Rodrigues Silva, ouvinte Jorge Ricardo Silva de Melo, palestrante Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira, coordenadora de área Profa. Dra. Maria Izabel barboza de Moraes Oliveira. Da esquerda para a direita do leitor: pibidiana Ingrid Dayanna Araújo Ferreira.

Tal evento foi um momento de reflexão e de muita aprendizagem, ambos os palestrantes foram capazes de nos despertar ao questionamento do porquê o Dia da Consciência Negra. Nessa vertente, é notório que heranças do passado assolam o presente e o racismo é um desses fantasmas que assolam o presente e precisam ser combatidos dentro dessa sociedade pós-moderna.

Neste sentido, o PIBID foi porta de acesso para se compreender a necessidade de se buscar novas metodologias no ensino de História, uma vez que tal programa levou-nos a vivenciar de perto a esfera de transformação social que é o ambiente escolar em sua totalidade macro.

O ensino de História por muito tempo sofria uma influência direta de uma concepção positivista a qual entravam em evidências os grandes personagens históricos, sendo, por sua vez, nossa historiografia muito elitista e seletiva. Porém, com a Nova História, sobretudo com a criação da revista dos *Annales* e com os grandes pioneiros Bloch e Febvre, passou-se a questionar e problematizar essa história tradicional que se constituía por meio de um estudo mnemônico. A partir das abordagens e problemáticas dos respectivos historiadores, a história seria nesse momento um problema, ou seja teria que apresentar problemáticas e buscar respondê-las à medida dos questionamentos abordados, sendo todos os conhecimentos históricos problematizados. Neste momento, o ensino de História começa a criar adeptos para um ensino mais dialógico e crítico, focando sobretudo nos sujeitos históricos dentro das determinadas mentalidade de cada época. Para além disso, a História passaria também a começar dialo-

gar com outras áreas dos saberes, como a Literatura, a Filosofia, a Arte, entre outras, gerando o que Bloch chama de disciplinas auxiliares.

Por ventura, faz-se necessário fazer uma apreciação histórica desse contexto, pois tal experiência que será relatada e exposta agora estará atrelada diretamente ao ensino de História, e correlacionado com as diversas metodologias ativas que se podem usar em sala, fazendo exatamente aquilo que Bloch e Febvre fizeram, barrar uma história tradicional e que se molda dentro dos moldes de uma pedagogia tradicional. O tema desse evento já nos instiga de início “As diversas linguagens do ensino de História”. Ou seja, a História consegue sua plenitude em termos de disciplina e como ciências lá no século XIX, porém, no século XX, consegue estabelecer diálogos com outras áreas de conhecimentos como exposto acima; essas diversas linguagens são interdisciplinaridades que a História conseguiu estabelecer, se moldar e se juntar a fim de gerar um ensino compreensível e nada mecanizado.

O “I Welbinário de Pesquisa: as diversas linguagens do ensino de História” foi composto por três mesas redondas: História e literatura; História e música; História e pinturas históricas. Sendo a mediadora do evento a Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira, coordenadora de área do PIBID/História. Este evento foi uma porta de abertura para se ter uma compreensão maior de como transformar as aulas de História em um momento didático e compreensível. Além de ter sua essencialidade, principalmente para professores de História na educação básica e graduandos que queiram utilizar as diversas lin-

guagens no Ensino de História em sala de aula, ou seja, a aula começa a se diferenciar a partir do momento em que o docente propõem fazer dialogar a História com outras áreas de conhecimentos, como a literatura, a música e as próprias pinturas históricas. Por que não colocar músicas nas aulas sobre a Ditadura Militar para se ter uma noção daquela sociedade por meio das letras? Ou ouvir a música “Marinheiros no fundo do mar” e compreender como a prática da escravidão mercantil é promovida pelo processo brutal de violência, gerando uma captura de pessoas e perceber que as condições em que os africanos escravizados eram trazidos era totalmente desumanas?

Esses são apenas alguns exemplos sobre como podemos de fato utilizar recursos diferenciados para as aulas de História através da interdisciplinaridade, ou seja, diversas linguagens no Ensino de História. Diante do exposto, as falas de todos os palestrantes, que eram alunos bolsistas do PIBID/História, foram bem positivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebi que, mesmo com tantas incertezas promovidas pela pandemia do Covid-19, foi possível a realização de várias atividades do PIBID, tanto remotamente quanto presencialmente. Isso me agregou muito, pude viver de perto todo o espaço-tempo escolar. E quando falo em viver a escola, me refiro a conseguir adentrar nesse mundo e compreender o papel do professor e suas múltiplas maneiras de ensino, além de conhecer as especificidades e a realidade de cada aluno e perceber

a necessidade de despertar esses alunos a sonharem e ter perspectiva. Sendo assim, essa experiência está acatada em minha memória, pois essa vivência me deu confiança e muita maturidade para encarar de frente os empecilhos encontrados diretamente na nossa educação básica.

Essas duas experiências relatadas são apenas duas dentre várias que já tivemos no PIBID de História da UFMA. Destaquei essas duas, pois, o evento referente ao Dia da Consciência Negra foi a primeira atividade presencial após passarmos por um momento mais ríspido em relação ao isolamento social, às medidas sanitárias e à falta de vacinação. Ver e rever pessoas e viver por um tempo dentro de uma instituição de ensino presencialmente fez com que me cativasse e desse mais ânimo na realização do nosso projeto, as diferentes linguagens no ensino de História. Já a segunda experiência, o Webinário sobre linguagens em que os alunos bolsistas foram os palestrantes, foi importante devido ser fruto das reuniões mensais do grupo de estudos do PIBID/História nas quais as linguagens, como música, história em quadrinhos, literatura e pintura histórica, eram estudadas e apresentadas pelos PIBIDIANOS, com base em artigos de historiadores e especialistas na área de educação com auxílio da coordenadora de área do PIBID.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História, volume V - A Escola dos Annales e a Nova História*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

MEDEIRO, Elisabeth Weber. Ensino de história: fontes e linguagens para uma prática renovada. *Vidya*, v. 25, n. 2, p. 59-71, jul/dez, 2005.

SCHWARZ, Lília M. Escravidão e Racismo. In: _____. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

5.

AS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: o uso de diversas linguagens

Ana Karen Lopes Almeida¹

1 Graduada em História na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pibidiana do PIBID de História do campus de São Luís (Edição 2020-2022), coordenado pela Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID) de História da Universidade Federal do Maranhão tem como subprojeto o tema: “As diversas linguagens no Ensino de História”. Diante disso, focamos em desenvolver atividades que levassem para a sala de aula metodologias ativas, em que o estudante se sentisse cativado pela historiografia e se compreendesse enquanto sujeito histórico. Para tanto, foram realizadas diversas reuniões do Grupo de Estudos do PIBID de História para que os bolsistas do PIBID tivessem contato com as mais variadas linguagens para usar em sala de aula: quadrinhos, música, pinturas, poesias, literatura, além do próprio livro didático. Em tais reuniões, tivemos contato com vários autores e obras para apoiar as atividades no campo teórico e proporcionar um ensino eficaz de História. Desde o texto de Roger Chartier, para sabermos usar Literatura nas aulas, ao texto de Carolina Carneiro Lima, que analisa poemas de Castro Alves, assim como o texto de Célia Maria David, que fala da música e o ensino de História, são alguns exemplos de textos discutidos nas reuniões do Grupo de Estudos do PIBID de História com a participação dos pibidianos e a coordenadora de área.

Essas discussões proporcionaram a realização de um evento no Dia dos Povos Indígenas com os alunos do ensino médio do Centro Educacional Benedito Leite, em que eles produziram diversos materiais, como poemas e charges, mostrando que as linguagens podem ser fontes históricas, mas também podem ser produto de aprendi-

zagem daqueles estudantes, para que eles se sintam parte integrante da história e compreendam a importância de estudá-la. A realização desse evento foi crucial tanto para os estudantes como para nós bolsistas, pois pudemos ver na prática que é possível utilizar diversas linguagens, que fogem do livro didático, para proporcionar aulas de História mais críticas, participativas, atrativas e que produzem de fato mudança social, pois capacita o aluno da educação básica a pensar historicamente.

REUNIÕES DO GRUPO DE ESTUDO E O EVENTO DO DIA DOS POVOS INDÍGENAS

A primeira reunião entre os bolsistas, coordenadora de área (Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira) e o supervisor do CE Benedito Leite (Robson Ruiten) ocorreu via Google Meet no dia 02 de dezembro de 2020. A coordenadora de área apresentou o projeto, os objetivos gerais, conversamos sobre o CE. Benedito Leite e como estava funcionando as aulas remotas na instituição. Ficamos cientes que nos reuniríamos mensalmente para discutirmos textos de autores que falassem sobre as diversas linguagens no ensino de História.

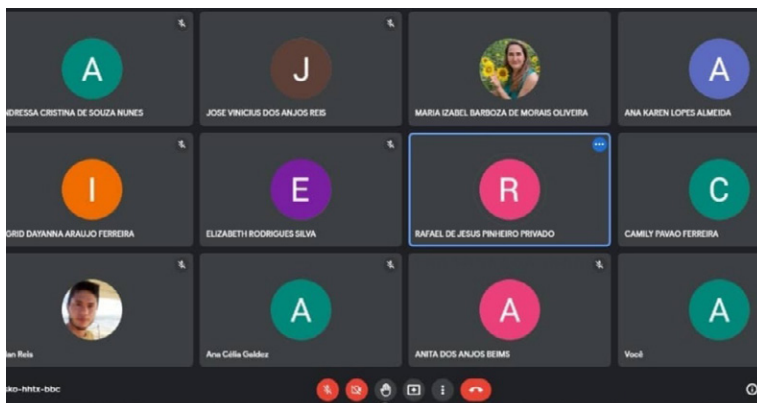
Assim, no dia 16 de janeiro de 2021 começamos as reuniões do Grupo de Estudos do PIBID de História. Falamos sobre o uso da música, com três textos base, divididos em três grupos: “Música e Ensino de História: uma proposta”, de Célia Maria David; “A música nas aulas de História: o debate teórico sobre as metodologias de

ensino”, de Olavo Pereira Soares; e “O conto de Clara: possibilidades de ensino aprendizagem afro-brasileira”, de Luciano Magela Roza.

Os três textos apresentam visões diferentes sobre uma mesma fonte, o que tornou a reunião ainda mais enriquecedora, pois desde esse momento ficou claro que várias abordagens podem ser seguidas de acordo com a maneira que o professor conduz a aula, o que faz com que as aulas não sejam engessadas e possam seguir livremente de acordo com as necessidades de cada turma.

Outro ponto a ser destacado é que geralmente os textos não se prendem apenas ao papel do professor enquanto mediador do conhecimento, mas incitam que o docente crie mecanismos em sala de aula para que o discente pesquise e produza conhecimento de diversas formas. Nesse aspecto da música, por exemplo, os textos de maneira geral ressaltam que não é só ir para a sala de aula analisar a letra e achar que tudo vai ser compreendido por si só, mas as perguntas certas devem ser feitas e o professor deve orientar o estudante para que ele tenha autonomia para perguntar.

Figura 1: Captura de tela da Reunião do Grupo de Estudos do PIBID de História sobre música no ensino de História:



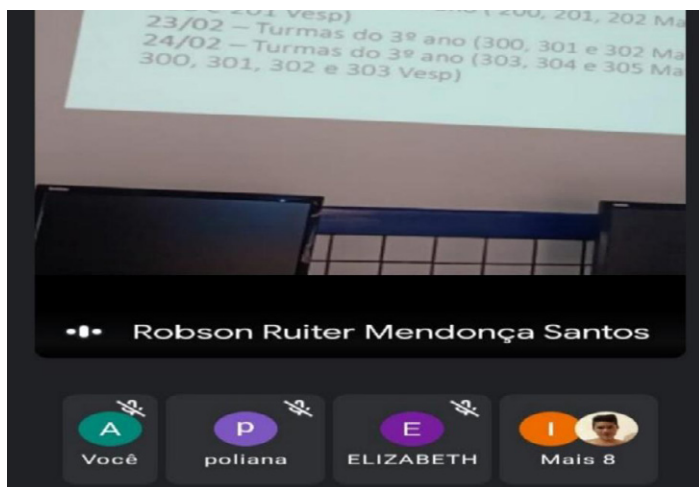
Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

Seguimos as atividades mensais. No dia 26 de janeiro de 2021 abordamos “História em Quadrinhos no Ensino da História”, utilizando quatro textos e na mesma dinâmica da reunião anterior. Os textos foram “As histórias em quadrinhos (HQ’s) e o ensino da História: Canudos entre textos e imagens”, de Paulo Augusto Tamanini e Jonathan Diogenes Costa; “História em quadrinhos e ensino de história: diálogos e abordagens”, de Keliene Christina Silva; “A utilização de história em quadrinhos no ensino de história”, de Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal; e “História em quadrinhos e ensino de história”, de Douglas Mota Xavier de Lima. Esse tema dos quadrinhos foi abordado justamente por ser uma linguagem que os estudantes costumam gostar, por serem leituras acompanhadas de um recurso visual, geralmente com linguagem simples e narrativas atrativas. Os textos

ressaltam e mostram como é benéfico levar algo do cotidiano dos discentes como plataforma de aprendizagem.

No mês de fevereiro de 2021 participamos da Semana Pedagógica da escola, acompanhando as reuniões via Google Meet. Foi importante essa reunião, pois já fomos inseridos na realidade da escola; vimos as discordâncias dos professores em vários assuntos, principalmente as dificuldades criadas e as ampliadas pelo cenário da pandemia de Covid-19. A evasão escolar é um problema real; nos momentos de aulas remotas alguns alunos ficaram excluídos das aulas ou então não tinham interesse de participar; essa foi uma discussão acalorada no corpo docente da escola, pensando em formas de resgatar esses alunos e manter aqueles que estavam frequentando as aulas online.

Figura 2: Captura de tela da Semana Pedagógica no CE Benedito Leite:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
 “As diversas linguagens no ensino de História”.

No dia 27 de fevereiro de 2021 tivemos nossa reunião do Grupo de Estudos, em que relatamos nossas impressões sobre a Semana Pedagógica e falamos sobre o Dia dos Povos Indígenas, começando a pensar no que faríamos na data, promovendo um evento. Os bolsistas foram divididos em trios e cada um ficou responsável por uma série do ensino médio para desenvolver as atividades.

Basicamente queríamos fazer algo que contemplasse o tema do projeto do PIBID e que pudéssemos aproveitar as leituras que estávamos fazendo. Então, tentamos dialogar com os alunos, enviar músicas, quadrinhos, pinturas e charges sobre diversas etnias indígenas para que eles pudessem produzir trabalhos para apresentar no evento do Dia dos Povos Indígenas. Tivemos muitas dificuldades, as mensagens muitas vezes eram ignoradas, mas o supervisor, o professor Robson Ruiten, entrevistou e melhorou um pouco. Alguns alunos se dedicaram muito nas atividades e entregaram lindos trabalhos.

Em 30 de março de 2021 tivemos nossa última reunião antes do evento, dessa vez abordando a Literatura e o seu uso no ensino de História. Essa foi uma das discussões que mais gostei de participar, principalmente por ficar com o texto “Debate - Literatura e História”, de Roger Chartier, um autor que gosto bastante no campo da historiografia. Nessa reunião foram abordados vários aspectos da Literatura e de como usá-la no ensino de História, pensando na perspectiva da História Cultural. Além desse texto, foram debatidos “As fontes literárias no Ensino de História”, de Joan Pagès Blanch; “O uso da fonte literária no ensino de História: Diálogo com o ro-

mance Úrsula (final do séc. XIX)”, de Janaína dos Santos Correia; “Realidade versus ficção: a literatura como fonte para a escrita da História”, de Gilberto Ferreira Sena Junior; e “História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação”, de Gabriela de Lima Grecco. Usamos então esses estudos para continuar tentando falar com os estudantes para promover o evento do Dia dos Povos Indígenas com a participação ativa deles.

Como já dito, planejamos o evento “Cultura, trabalho e resistências dos povos indígenas no Brasil” anteriormente e começamos a falar sobre sua concretização em fevereiro. Elaboramos uma proposta, que consistiu em cada turma desenvolvendo alguma atividade, como charges, poesias, história em quadrinhos, vídeos e afins, que seriam apresentados no começo do dia por um representante de cada equipe; logo depois das apresentações tivemos a palestra “História Indígena como fundamental para a educação das relações étnico-raciais no Brasil”, com a Profa. Dra. Soraia Sales Dornelles, da Universidade Federal do Maranhão.

Figura 3: Pôster de divulgação do evento do Dia dos Povos Indígenas:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

Apesar da dificuldade de acessar os estudantes, acredito que tivemos resultados positivos. O evento ocorreu no dia 19 de abril de 2021 e contamos com várias apresentações, principalmente de poemas e vídeos abordando vários elementos da cultura indígena, e que demonstravam que os estudantes se debruçaram para pesquisar sobre aquelas etnias para falar de maneira responsável sobre elas. Tivemos alguns problemas estruturais, como queda de internet de estudantes, a sala do Google Meet lotada, restringindo a participação no evento em 200 pessoas. Mas vejo que valeu à pena todo o esforço, considerando o empenho que eles tiveram e os belos trabalhos que produziram.

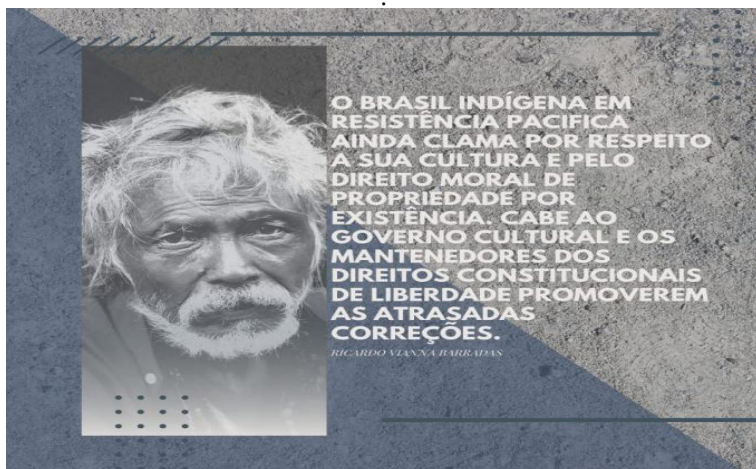
Ademais, os alunos se mostraram muito interessados pela palestra da professora Soraia Dornelles, deixando

apontamentos e questionamentos no chat que foram levantados depois em sala de aula para debate. Foi perceptível que muitos não tinham dimensão das problemáticas enfrentadas pelos indígenas e conheciam muito pouco da cultura, forma de vida, religião e outros aspectos dos indígenas. Percebo que todo engajamento para realizar o evento produziu resultados muito importantes na formação de cada um deles.

Além dos resultados produzidos pelos estudantes, vejo muitos resultados na minha formação acadêmica. Desde os grupos de estudo, que foram muito enriquecedores e me ajudaram em outras disciplinas do curso, principalmente em Metodologia do Ensino de História e Didática, e que me fizeram enxergar o uso de outras linguagens de outra forma, pensando sempre nas diferentes abordagens que uma mesma fonte pode oferecer.

A experiência também foi importante para me preparar para as dificuldades da vida docente, considerando os percalços que acompanham o professor, seja em período de ensino remoto ou presencial. Conhecer de perto as obrigações do professor, preparação das aulas, organização de materiais, as formas de aproveitar o livro didático e inserir outras fontes, todas essas perspectivas aprendi com as atividades do PIBID.

Figura 4: Banner produzido por alunos do ensino médio do CE Benedito Leite:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

Figura 5: História em quadrinhos produzida por alunos do ensino médio do CE Benedito Leite sobre religiosidade indígena:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos perceber que o PIBID de História da UFMA funcionou apoiado na relação dinâmica entre teoria e prática. Os estudos desenvolvidos nas reuniões foram basilares para realizar as atividades na sala de aula, tornando possível a realização de um evento em que os estudantes foram protagonistas e se apropriaram dos conhecimentos para produzir materiais. Isso demonstra que o projeto do PIBID de História, mesmo com todos os dilemas impostos pelo ensino remoto, conseguiu funcionar e desenvolver ações que são importantes auxiliares no ensino de História.

O mais interessante de ter os discentes na produção de material é que eles se tornaram pesquisadores, questionaram as fontes, buscaram formas de trabalhar e produzir da forma que mais lhes agradassem. Ademais, eles entraram em contato com outras linguagens além do livro didático, o que lhes permite ampliar conhecimento, e não ficar restrito a tudo aquilo que é entregue com verdade absoluta, lição que não se restringe à disciplina de História, mas a todas as outras e na vida de uma forma mais ampla. Assim, vemos que existe uma História transformadora, capaz de produzir mudança social através do pensamento crítico e da autonomia de pensamento.

REFERÊNCIAS

BLANCH, Joan Pagès. As fontes literárias no Ensino de História. *OPSSIS*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 33-42, 2013.

CHARTIER, Roger. Debate - Literatura e História. *Topoi*, n. 1, p. 197-2016, 1999.

CORREIA, Janaina dos Santos. O uso da fonte literária no ensino de história: Diálogo com o romance *Úrsula* (final do séc. XIX). *História & Ensino*, v. 18, n. 2, p. 179-201, 2012.

DAVID, Célia Maria. Música e Ensino da História: uma proposta. *UNESP*, p. 1-16, 2012.

GRECCO, Gabriela de Lima. História e Literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. *Revista Historiador*, n.7, ano 7, p. 118-129, 2015.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. História em quadrinhos e ensino de história. *Revista História Hoje*, v. 6, nº 11, p. 147-171, 2017.

PORTUGAL, Ana Raquel Marques da Cunha Martins. A utilização de história em quadrinhos no ensino de história. *Camine*, v. 7, n. 2, 2015.

ROZA, Luciano Magela. O canto de Clara: possibilidades de ensino-aprendizagem da história afro-brasileira. *História Hoje*, vol. 6, n. 11, 2017.

SENA JUNIOR, Gilberto Ferreira. Realidade versus ficção: a literatura como fonte para a escrita da história. *VI Simpósio Nacional Estado poder: cultura*, 2010.

SOARES, Olavo Pereira. A música nas aulas de História: o debate teórico sobre as metodologias de ensino. *Revista História Hoje*, v. 6, nº 11, p. 78-99, 2017.

TAMANINI, Paulo Augusto; COSTA, Jonathan Diogenes. As histórias em quadrinhos (HQs) e o ensino de história: Canudos entre textos e imagens. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 20, p. 1-25, 2020.

6.

AS DIVERSAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS DURANTE O PIBID/HISTÓRIA

Ingrid Dayanna Araújo Ferreira¹

1 Graduada em História na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pibidiana do PIBID de História do campus de São Luís (Edição 2020-2022), coordenado pela Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Morais Oliveira.

INTRODUÇÃO

As quatro experiências abordadas neste capítulo fazem referência a momentos distintos do PIBID/História. A primeira diz respeito às reuniões mensais do Grupo de Estudos entre os participantes, visto que foi por meio das leituras, exposições e discussões que obtivemos os conhecimentos necessários para desenvolver as atividades com os alunos de ambas as escolas, em especial a escola CE Benedito Leite. Os textos foram de extrema importância para o desenvolvimento prático com as turmas do projeto. A segunda experiência também é situada nessa instituição, trata-se do evento do Dia dos Povos Indígenas, realizado no dia 19 de abril de 2021 na plataforma do Google Meet, ainda sob a supervisão do professor Robson Ruiten Mendonça Santos.

As duas últimas experiências foram realizadas no Centro de Ensino João Evangelista Serra dos Santos. A primeira delas foi no dia 19 de novembro de 2021, em comemoração ao Dia da Consciência Negra; a segunda foi a primeira atividade presencial do PIBID/História no dia 16 de dezembro de 2021.

REUNIÕES DO GRUPO DE ESTUDOS, EVENTOS E VIVÊNCIA NA ESCOLA

A primeira experiência no PIBID/História foi mediante uma reunião online com todos os envolvidos. Por meio dela conhecemos a coordenadora de área (Maria

Izabel Barboza de Moraes Oliveira) e os demais participantes. Nos foi apresentada a proposta metodológica, como também a escola que iríamos trabalhar e os assuntos que iríamos desenvolver. Todos eles buscando aproximar o ensino de História com alguma área da arte, como a música, a literatura, as histórias em quadrinhos e a pintura histórica.

Nesse ínterim, logo ficou acordado os encontros mensais de todos os grupos para a discussão de textos referentes a essas temáticas. Destaco três encontros. O primeiro deles foi o encontro do mês de março de 2021, em que foi discutido a importância da literatura para a pesquisa histórica. O estudo de Gilberto Ferreira Sena Júnior, “Realidade versus ficção: a literatura como fonte para a escrita da História”, mostrou que as histórias, ainda que fictícias, são úteis para o conhecimento da pesquisa na História.

Os demais encontros destacados trabalharam o mesmo tema. As reuniões dos meses de maio até outubro de 2021 foram voltadas para a questão racial, principalmente no que diz respeito à representação de escravos em pinturas de Debret, os *memes* de pessoas pretas no mundo virtual e a visão negativa que o continente africano carrega. Todos esses textos contribuíram para o conhecimento necessário ao evento do dia 20 de novembro de 2021, o Dia da Consciência Negra, evento realizado no CE João Evangelista Serra dos Santos.

Todas as reuniões mensais do Grupo de Estudos contribuíram para a formação do nosso conhecimento e foram responsáveis por apresentar algumas metodologias,

influenciando na nossa conduta para com os alunos das duas instituições de ensino em que atuamos.

* * *

Uma das propostas do PIBID/História sugeridas pela coordenadora de área na primeira reunião foi a atividade referente ao Dia dos Povos Indígenas. O projeto foi realizado no dia 19 de abril com as turmas do Ensino Médio da instituição CE Benedito Leite, sob a supervisão do Prof. Me. Robson Ruiten Santos.

A metodologia utilizada e conseqüentemente adaptada para os tempos de ensino remoto foi a criação de grupos na plataforma do WhatsApp com as turmas e com os líderes de cada equipe. Devido aos meios virtuais serem mais fáceis e a transmissão de informações muito mais ágeis, o nosso objetivo era conseguir organizar o mais rápido possível as atividades de cada equipe. Cada trio de pibidianos ficou responsável por um ano escolar, e cada um trabalhou de forma individual e diretamente com as turmas.

Ainda que tivéssemos uma preocupação para com os estudantes, o professor supervisor do PIBID na escola não demonstrou o mesmo interesse. Ao longo de todo o planejamento, ele se mostrou disperso e desinteressado na nossa organização, não conseguia nos incluir na dinâmica das aulas, atrapalhando o planejamento já feito entre os pibidianos e os alunos. Situações como essa contribuíram para que o evento não fosse tão positivo, resultando em

uma desorganização no dia do evento. Um dos problemas estava ligado à plataforma, o supervisor não conseguiu uma sala que suportasse todos os estudantes, palestrantes, professores e convidados, proporcionando insatisfação para todos os participantes do PIBID, e irritação nas equipes dos alunos.

Figura 1: Banner do evento do Dia dos Povos Indígenas:

Cultura, trabalho, escravização e resistências dos povos indígenas no Brasil

- **História Indígena como fundamental para a educação das relações étnico-raciais no Brasil**
- **Palestrante:** Profa. Dra. Soraia Dornelles- Professora permanente do departamento de História e do PPGHIS da UFMA. É Líder do Grupo de Pesquisa CNPq Indígenas na História do Maranhão.
- 19/04/2021- das 09:00 às 10:00 horas da manhã
- Via Google Meet

Organização: PIBID HISTÓRIA
 Coordenadora de Área: Professora Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira- UFMA
 Supervisor: Professor Me. Robson Ruiter- C. E. Benedito Leite

C. E. Benedito Leite Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)- História



Fonte: PIBID/História/UFMA:
 “As diversas linguagens no ensino de História”.

Todavia, os trabalhos, apresentações e a palestra do evento foram extremamente satisfatórios. A presença da Profa. Dra. Soraia Dornelles e a dinâmica dela com os alunos foi muito prazerosa, os *slides* e a linguagem utili-

zada pela docente ao longo de toda a palestra, os deixou à vontade para que pudessem debater a temática indígena. E claro, a exposição dos trabalhos dos próprios estudantes contribuiu para que o evento fosse minimamente positivo.

Figura 2: Trabalho apresentado pelo segundo ano do Ensino Médio do CE Benedito Leite:



Dia do Índio

19/04/2021

Componentes do grupo: Ana Carolina Cardoso Carvalho, Sibelly Cristina Ferreira Araújo, Hellen Aksucena Oliveira Campos, Antônio Francisco Araújo Filho, Juliana Macedo de Souza Braga, Makeline Beatriz Araújo Leite.

•Guajajaras



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

Depois de alguns meses em busca de uma nova escola, após a experiência insatisfatória no Centro de Ensino Benedito Leite, encontramos o CE João Evangelista Serra dos Santos e a supervisora Ana Célia Galdez; a partir do mês de setembro de 2021 passamos a trabalhar com essa nova instituição. Por já estarem em um modelo híbrido, com revezamento de alunos nas aulas presenciais, encontramos algumas dificuldades na comunicação on-line; diferente do centro de ensino anterior, os estudantes não se mostraram interessados na interação no grupo criado com os pibidianos. Nesse sentido, não conseguimos desenvolver atividades com os alunos para o evento do Dia da Consciência Negra, diferente do ocorrido com os alunos da escola anterior.

Figura 3: Banner do evento do Dia da Consciência Negra:

PIBID/HISTÓRIA: As diferentes linguagens no ensino da História

A CULTURA RACIAL E A EXPERIÊNCIA AFRODESCENDENTE NO BRASIL

19.11.2021 | SEXTA - 9H | CE JOÃO EVANGELISTA SERRA DOS SANTOS

PALESTRANTES:

Maria da Graça Reis Cardoso
 Professora do Departamento de Turismo e Hotelaria da UFMA;
 Doutoranda do PPGHIS-UFMA; Mestre em Educação; Turismóloga
 "Tambor de Mina: uma experiência com o sagrado a partir do Terreiro de Yemanjá".

Josenildo de Jesus Pereira
 Graduado em História, UFMA; mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Doutorado pela USP;
 Professor do curso de História/UFMA e do PPGHIS-UFMA
 "A questão racial brasileira: ecos de uma voz dissonante".

Realização: **DEHIS/CCH** Departamento de História/UFMA

Fonte: PIBID/História/UFMA:
 "As diversas linguagens no ensino de História".

Entretanto, o evento não foi menos interessante que o anterior. Os professores, diretores e alunos se mostraram muito interessados nas palestras. A recepção conosco foi muito positiva, fomos recepcionados com entusiasmo pela diretora e todos os funcionários da instituição.

Com palestras sobre a questão racial pelo Prof. Dr. Josenildo Pereira e sobre religiosidade africana com a Profa. Me. Graça Cardoso, não só os estudantes, como também todos os envolvidos no PIBID/História e os demais funcionários da escola, puderam discutir e refletir sobre a temática. Foi uma experiência extremamente positiva, pois, além de toda recepção, tivemos a primeira experiência presencial com o projeto do PIBID/História.

Figura 4: Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira proferindo palestra no evento do PIBID de História referente ao Dia da Consciência Negra, ocorrido no dia 19 de novembro de 2021 no CE João Evangelista Serra dos Santos²:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

2 No auditório, da esquerda para a direita do leitor: pibidiano Rafael Privado, pibidiana Camilly Pavão Ferreira e pibidiana Ingrid Dayanna Araújo Ferreira.

A última experiência que irei destacar faz referência a duas experiências presenciais. Depois de um ano com reuniões remotas e trocas de informações por meios virtuais, visitar, participar e observar o ambiente escolar físico é extremamente reconfortante. O apoio de toda a coordenação, funcionários e os demais professores, mesmo aqueles que não participaram do projeto, tornou-se essencial para que toda essa experiência se tornasse mais enriquecedora.

Figura 5: Ambiente do CE João Evangelista Serra dos Santos:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

Observar de perto a dinâmica entre a professora Ana Célia Galdez e a sua turma serve para perceber o papel do educador dentro do ambiente da sala de aula, a confiança e respeito mútuo deles contribui para o aprendizado de todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É indubitável a importância da experiência do PIBID/História diante de um cenário pandêmico. Houve adaptações feitas pelos professores, em especial no que diz respeito às escolas públicas, a carência de recursos, todas as dificuldades enfrentadas pelos estudantes e consequentemente seus familiares. O cenário se modificou rapidamente, tanto os alunos como os professores tiveram que lidar com essa situação. Ainda no CE Benedito Leite, sob a supervisão do Prof. Robson Ruitter Santos, tivemos a experiência de participar da Semana Pedagógica, nela pudemos constatar as dificuldades e a dor do luto por parte dos docentes, e todo esse medo pelo retorno semipresencial por parte da maioria.

Ainda que as experiências na primeira instituição não tenham sido positivas, elas contribuíram para a formação profissional dos participantes, exercitando a nossa responsabilidade para com os alunos e o espírito de liderança, fazendo com que o evento fosse organizado e liderado pelos pibidianos.

No CE João Evangelista Serra dos Santos a experiência foi enriquecedora positivamente, o auxílio da Profa. Ana Célia Galdez e a colaboração de todos os profissionais da instituição agregaram diretamente com o nosso aprendizado, fazendo com que a teoria aprendida nas reuniões mensais do Grupo de estudos fosse posta em prática.

Nesse viés, mesmo que em muitos momentos a experiência tenha sido negativa por conta de terceiros ou

pelo cenário da pandemia do COVID-19, houve outros muito positivos e enriquecedores, e todos, ainda que desagradáveis, foram essenciais para a minha formação enquanto futura professora de História, contribuindo para a modificação de visões e experiências reais estudadas em textos e obras na universidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Francisco Rogiellyson da Silva; GOMES, Dannytza Serra; LIMA, Janyele Gadelha de. A literatura como arte construtora da sensibilidade: propostas de atividades baseadas na leitura de “Tragédia no Lar”, de Castro Alves. *Educação em Foco*, v. 23, n. 41, P. 255-273, 2020.

BLANCH, Joan Pagès. As fontes literárias no Ensino de História. In: *Opsis*, v. 13, n. 1, p. 33-42, 2013.

CHARTIER, Roger. Debate - Literatura e História. In: *Topoi*, n. 1, p. 197-206, 1999.

CORREIA, Janaina dos Santos. O uso da fonte literária no ensino de história: Diálogo com o romance Úrsula (final do séc. XIX). In: *História & Ensino*, v. 18, n. 2, p. 179-201, 2012.

COSTA, Cléria Botelho da. Justiça e Abolicionismo na poesia de Castro Alves. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 33, p. 179-194, 2006.

FERNANDES, Julia Maria Fernanda Machado. *As representações da escrava nos poemas de Castro Alves no livro “Os Escravos” durante a segunda metade do século XIX*. (Mono-

grafia de Especialização). Programa de Pós-Graduação do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

FREITAS, Iohana Brito de. *Cores e olhares no Brasil oitocentista: os tipos negros de Rugendas e Debret*. (Dissertação). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

LIMA, Carolina Carneiro. Uma visão histórica do poema: “Vozes D’África” de Castro Alves. *Igualitária*, vol.1, n.1, 2012.

ROZA, Luciano Magela. O canto de Clara: possibilidades de ensino-aprendizagem da história afro-brasileira. *História Hoje*, vol. 6, n. 11, p. 100-117, 2017.

SANTOS, Cleyton Rodrigues dos; SILVA, Mariane Cristina da. Escravidão, racismo e sociedade: Debret na sala de aula e o diálogo entre as disciplinas de História e Artes. *Grau Zero*, vol. 2, n. 2, p. 17-44, 2014.

SILVA, Rodrigo Ferreira da. *África, travessia e liberdade: Uma viagem historiográfica pela poesia de Castro Alves (1863-1870)*. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em História da UFPB, Pernambuco, 2017.

TREVISAN, Anderson Ricardo. A pintura da vida prosaica: pobreza e escravidão nas aquarelas de Debret. *Baleia na Rede*, vol. 1, n. 3, p. 196-213, 2006.

7.

JORNADA
PEDAGÓGICA E
EVENTO DO DIA DOS
POVOS INDÍGENAS:
“Cultura, Trabalho,
Escravidão e
Resistências dos
Povos Indígenas no
Brasil”

Allan Reis Costa¹

¹ Graduado em História na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). PIBIDiano do PIBID de História do campus de São Luís (Edição 2020-2022), coordenado pela Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira.

INTRODUÇÃO

As duas experiências selecionadas dentro do rol de Atividades desenvolvidas pelos pibidianos de História, sob a coordenação da Profa. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira, na edição de novembro de 2020 a abril de 2022, são colocadas em evidência pelo caráter prático em que tiveram de inserção em ambiente escolar e educacional, assim como pelo caráter de aproximação e contato direto aos estudantes e realidade escolar. De um lado, a Jornada Pedagógica, como um vislumbre dos desdobramentos organizacionais de uma instituição escolar, momento de planejamento do calendário educacional e debate sobre demandas e dificuldades gerais vivenciadas por professores e estudantes em âmbito da instituição e do processo de educação; e, do outro, a concreção de contato próximo com estudantes na organização do evento referente ao Dia dos Povos Indígenas, contando com a construção de banner informativo, assim como a realização prévia de questionário virtual voltado aos estudantes, no que se refere aos seus conhecimentos acerca dos povos originários, orientação aos estudantes na confecção de trabalhos ilustrativos sobre quaisquer assuntos envoltos da temática indígena e a conseguinte apresentação desses trabalhos no evento. Tarefas desenvolvidas como estratégias de transformação e problematização da visão social e cultural discente sobre povos originários e materialização da inserção de linguagens não tradicionais ao ensino de História através dos próprios estudantes, por meio da apresentação da temática indígena através de HQs, poe-

mas, charges e vídeos. Soma-se a isto também a palestra da Profa. Dra. Soraia Dornelles, do Departamento de História da UFMA, onde ministra aulas de História Indígena.

A Jornada Pedagógica presta-se como um momento observacional por parte de nós integrantes do PIBID, assim como experiência de contemplação da maneira pela qual desenvolve-se o planejamento educacional e escolar anterior ao início das aulas, sobretudo no contexto da pandemia de Covid-19 e da dialética entre ensino híbrido e remoto, entrelaçado às dificuldades e demandas discentes ao ensino médio no CE Benedito Leite.

A elaboração do evento do Dia dos Povos Indígenas na mesma escola seguiu diferentes etapas que serão descritas adiante. O contato inicial aos alunos na orientação de confecção de diferentes linguagens a serviço da abordagem da temática indígena no dia do evento foi possível a partir do norteamento proporcionado pelas propostas metodológicas trabalhadas nas reuniões do Grupo de Estudos do PIBID de História, anteriores ao evento. Abordou-se, em reuniões mensais desse grupo de estudos: a *música no ensino de história*, através das considerações de David (2012), Soares (2017) e Roza (2017); *Ensino de história através de HQs*, com as argumentações teóricas de Costa e Tamanini (2020), Silva (2016) e Portugal (2015); bem como a *literatura no ensino de História*, a partir das abordagens de Correia (2012), Júnior (2010), Grecco (2015) e Chartier (1999).

JORNADA PEDAGÓGICA E EVENTO DO DIA DOS POVOS INDÍGENAS

A Jornada Pedagógica ocorreu no CE Benedito Leite em São Luís (Maranhão) nos dias 17, 18 e 19 de fevereiro de 2021. Os professores juntamente com a coordenadoria da instituição compareceram presencialmente na escola na promoção de debate sobre demandas e dificuldades do retorno híbrido das aulas no início do ano letivo, aliado a diferentes apontamentos sobre questões específicas envolvidas de professores e estudantes e o processo educacional. Foi momento de planejamento do retorno às aulas e de análise das diversas situações e adversidades da instituição, estudantes e professores no contexto de pandemia de COVID-19. Nós, do Programa de Iniciação à Docência, acompanhamos as reuniões através de transmissão ao vivo via Google Meet, disponibilizado através de transmissão online a partir do dispositivo móvel do até então supervisor do PIBID de História, o Prof. Me. Robson Ruitter Santos.

As reuniões seguiram discussões sobre situação escolar dos alunos em relação a evasão e presença, viabilidade e desdobramentos das aulas remotas, do fazer e adequar uma dinâmica de ensino híbrido, grade curricular, dificuldades de aprendizado dos estudantes em seus respectivos anos letivos e, dentre outras discussões de dificuldades e demandas, adequação de conteúdos de acordo com as respectivas dificuldades individuais, como, por exemplo, no caso de estudantes recém matriculados no primeiro ano e que não possuem conhecimentos básicos

e prévios necessários a uma aprendizagem satisfatória do conteúdo do ensino médio, ou daqueles em que sequer depararam-se, nos anos finais ou mesmo durante todo o ensino fundamental, com assuntos específicos necessários a um bom aproveitamento educacional no recém ingresso ao ensino médio.

A pauta dos déficits de conhecimento e conteúdo trabalhado em anos anteriores ao ingresso no ensino médio, discutida na Jornada Pedagógica, sobretudo em âmbito da disciplina de História, força os professores da instituição a abordarem temáticas do ensino fundamental, passando e reatualizando o status de educação deficitária e “atrasada” da educação básica brasileira, dentro do ensino público. Contribuindo, no entanto não somente, à manutenção da educação nas respectivas instituições como ruim ou insuficiente. Todavia, não deliberadamente, mas devido ao retrocesso promovido por circunstâncias históricas e sucateamento da educação pública brasileira pelo poder público, e de seu respectivo desinteresse ao que concerne a tudo relacionado às demandas daqueles em que se encontram na base da pirâmide social brasileira.

A contemplação das discussões dos professores e da coordenação da instituição no planejamento da volta às aulas do início do ano letivo de 2021 proporcionou um pouco daquilo em que futuramente, não somente estudantes do curso de História, mas quaisquer graduandos de cursos de licenciatura, em que se pretende seguir carreira profissional na educação, irão deparar-se. Sobre tudo, defrontando-se com as inúmeras dificuldades e realidades do pensar e deliberar o planejamento educacional

numa instituição de ensino da rede de educação pública. Educação esta que é, por sua vez, produto de deliberações conscientes de diversos agentes históricos dentro da formação do estado brasileiro nesses quinhentos anos.

A organização do evento “Cultura, trabalho, escravidão e resistências dos povos indígenas no Brasil” seguiu algumas etapas de concretização até sua realização no dia 19 de abril de 2021, de forma remota. A primeira etapa centrou-se na elaboração de um questionário online, aplicado no dia 25 de março de 2021, em link específico disponibilizado nos grupos de WhatsApp da instituição, direcionando os estudantes ao Google Forms. O questionário tentou mapear conhecimentos e percepções dos estudantes do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio do CE Benedito Leite acerca dos povos indígenas no Brasil e no Maranhão.

O questionário lançou luz sobre a maneira pela qual os estudantes do CE Benedito Leite veem os indígenas do estado e do país. A última e principal pergunta, de cunho estritamente pessoal, mostrou insuficiências de conhecimento e equívocas noções acerca de povos originários. O que serviu de base ao que abordar e desconstruir sobre suas percepções a partir da fala da Profa. Dra. Soraia Dornelles.

Somente 104 estudantes responderam o questionário. Desse número, 16 elucidaram que possuem pouco ou nenhum conhecimento acerca de povos originários. Os demais mostraram visões quase semelhantes entre si.

De acordo com o questionário, as percepções individuais daqueles que trouxeram suas opiniões descrevem povos originários como passivos, incapazes de se rebela-

rem ou resistir, “preguiçosos”, reduzidos e organizados socialmente em “tribos” e com a alcunha de canibais. Opiniões reflexo de insuficiências educacionais do sistema de educação pública, somadas a falta do tratamento da questão indígena em sala de aula durante a educação básica, elucidada até mesmo pela última resposta posta em evidência. Embora legalmente seja obrigatório o ensino de história indígena nas escolas, a prática evidencia outra realidade. Representaram, por conseguinte, informações e pontos importantes a serem destacados e trabalhados na palestra do dia 19 de abril de 2021 na instituição. Ao mesmo tempo, como graduando do curso de História, representou uma experiência de alerta à necessidade da abordagem da questão indígena na educação básica quando da conclusão da formação e o ingresso na área de atuação em escolas.

A segunda etapa do processo de organização do evento concentrou-se na orientação dos estudantes da instituição na confecção de linguagens no tratamento de temáticas indígenas a serem apresentadas pelos próprios estudantes no dia do evento. Houve divisão dos alunos do PIBID em três equipes, aquela na qual fui integrado ficou responsável pela orientação de estudantes do primeiro ano. A participação na criação de linguagens não era obrigatória, bem como também a participação nas duas reuniões de orientação. Ficou a cargo da livre colaboração espontânea de cada estudante e de seu desejo de colaboração. Com base em critérios pessoais, os estudantes se organizaram em equipes e até mesmo individualmente. As orientações ocorreram nos dias 5 e 16 de abril de 2021

através de WhatsApp e numa reunião online via Google Meet com os interessados.

Os textos trabalhados até então nas reuniões mensais do Grupo de Estudos do PIBID de História auxiliaram na exemplificação de como abordar a temática indígena através de diferentes linguagens, como uma das áreas e temas de ensino e pesquisa dentro do curso de História da UFMA. Valeu-se dos trabalhos de David (2012), Soares (2017) e Roza (2017) no tratamento da música ao ensinar e abordar temáticas de História, dialogando com as considerações de Costa e Tamanini (2020), Silva (2016) e Portugal (2015) sobre HQs no ensino de História, juntamente com Correia (2012), Junior (2010), Grecco (2015) e Chartier (1999) no ensino de História através da literatura, voltando todos os textos, por conseguinte, à temática principal do evento do ponto de vista histórico e social.

Chegado o dia do evento, em 19 de abril de 2021 pela manhã, disponibilizou-se link específico nos grupos de WhatsApp da instituição, direcionando a uma sala online através do Google Meet. O evento contou com a palestra de tema “História indígena como fundamental para a educação das relações étnico-raciais no Brasil”, ministrada pela Profa Dra. Soraia Dornelles, do Departamento de História da UFMA.

Figura 1: Banner do evento do Dia dos Povos Indígenas:



**Cultura, trabalho,
escravização e resistências dos
povos indígenas no Brasil**

- **História Indígena como fundamental para a educação das relações étnico-raciais no Brasil**
- **Palestrante:** Profa. Dra. Soraia Dornelles- Professora permanente do departamento de História e do PPGHIS da UFMA. É Líder do Grupo de Pesquisa CNPq Indígenas na História do Maranhão.
- 19/04/2021- das 09:00 às 10:00 horas da manhã
- Via Google Meet

Organização: PIBID HISTÓRIA
Coordenadora de Área: Professora Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira- UFMA
Supervisor: Professor Me. Robson Ruitter- C. E. Benedito Leite

C. E. Benedito Leite Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)-



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

O evento serviu para repensar as adversidades e violências sofridas por povos originários, elucidação e desconstrução de visões equívocas, bem como destacar a importância histórica e social desses povos à cultura e sociedade brasileira, atrelada, sobretudo, à fala da Profa. Dra. Soraia Dornelles. Contribuindo, assim, a uma breve construção de conhecimento.

Os estudantes que confeccionaram trabalhos realizaram a apresentação no dia do evento, 19 de abril de 2021, de forma remota, assim como também no dia 23 de abril pela manhã devido a extensão de trabalhos feitos. Foram realizadas poesias, charges, pequenas histórias em

quadrinhos, desenhos manuais e apresentação de pequenos vídeos da internet. Todo material abordando diversos temas distintos sobre povos indígenas.

Figura 2: Desenho elaborado por estudantes do 1º ano matutino do CE Benedito Leite sobre impactos do desmatamento e poluição em meio a comunidades indígenas. Baseado na charge da página no Instagram @cartunista_das_cavernas:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

Figura 3: Pequena história em quadrinhos sobre “crenças indígenas”, elaborada por estudantes do 1º ano matutino do CE Benedito Leite:





Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência proporcionada pela participação na Jornada Pedagógica e no evento do Dia dos Povos Indígenas no CE Benedito Leite lançou luz sobre a realidade na qual nós, integrantes do PIBID e futuros professores de História, iremos trabalhar. O planejamento educacional e as demonstrações de adversidades enfrentadas por professores e estudantes durante as discussões na Jornada

Pedagógica trouxeram um vislumbre sobre a funcionalidade dos bastidores do planejamento de desdobramentos de um período letivo vindouro na instituição, atrelada à expressão da realidade de uma escola pública.

A concentração de esforços na transformação social através da educação e construção de consciência histórica se tornam tarefas principais diante do elucidado pelo questionário, ao revés de antigos tradicionalismos, responsáveis em parte pela visão discente exposta. No entanto, não somente no que concerne à temática indígena, mas sobretudo a quaisquer temas de História.

Tem-se, a partir da experiência descrita, a necessidade de repensar o papel do historiador dentro da educação básica, na quebra de antigos paradigmas educacionais e históricos, trabalhando em prol, não obstante, da constituição de uma educação transformadora.

REFERÊNCIAS

- CHARTIER, Roger. Debate: Literatura e História. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 197-216, 1999.
- CORREIA, Janaína dos Santos. O uso da fonte literária no ensino de história: Diálogo com o romance “Úrsula” (final do século XIX). *História & Ensino*, Londrina, v. 18, n. 2, p. 179-201, jul./dez. 2012.
- COSTA, J. D.; TAMANINI, P. A. As histórias em quadrinhos (HQs) e o ensino de história: canudos entre textos e imagens. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 20, p. 1-25, 2020.

DAVID, Célia Maria. Música e ensino de História; uma proposta. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. Caderno de formação: formação de professores: didática dos conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GRECCO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 6, n. 11, p. 39-53, 2014.

JUNIOR, Gilberto Ferreira Sena. Realidade versus ficção: a literatura como fonte para escrita da história. VI Simpósio Nacional Estado e poder: cultura, 2010, São Cristóvão - SE. Anais VI Simpósio Nacional Estado e poder: cultura, 2010.

PORTUGAL, Ana Raquel Marques da Cunha Martins. A utilização de história em quadrinhos no ensino de história. *Camine*, v. 7, n. 2, 201-211, 2015.

ROZA, Luciano Magela. O canto de Clara: possibilidades de ensino-aprendizagem da história afro-brasileira. *Revista História Hoje*, v. 6, n. 11, p. 100-117, 2017.

SILVA, Keliene Christina. História em quadrinhos e ensino de história: diálogos e abordagens. v. 17, n. 1, XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB, 2016.

SOARES, Olavo Pereira. A música nas aulas de História: o debate teórico sobre as metodologias de ensino. *Revista História Hoje*, v. 6, n. 11, p. 78-99, 2017.

AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Rafael de Jesus Pinheiro Privado¹

¹ Graduado em História na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pibidiano do PIBID de História do campus de São Luís (Edição 2020-2022), coordenado pela Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência se constitui como uma tentativa crítica de colocar na arena do debate discussões e elementos em torno dos quais gravitam o “Dia da Consciência Negra” com uma série de problemas e situações sócio-históricas. Sendo assim, as considerações apresentadas ao “Dia da Consciência Negra” amparam-se nas palestras ministradas pela Profa. Me. Maria da Graça Reis Cardoso (professora do Departamento de Turismo e Hotelaria da UFMA e doutoranda do PPGHIS/UFMA) e pelo Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira (professor do curso de História/UFMA e do PPGHIS-UFMA) no evento organizado pelo PIBID/História e realizado na escola CE João Evangelista Serra dos Santos no dia 19 de novembro de 2021.

A CULTURA RACIAL E A EXPERIÊNCIA AFRODESCENDENTE NO BRASIL

No dia 19 de novembro de 2021, às 9h:30 da manhã, deu-se início ao evento intitulado “A cultura racial e a experiência afrodescendente no Brasil”, organizado pelo PIBID/História e realizado na escola CE João Evangelista Serra dos Santos, na cidade de São Luís, Estado do Maranhão, em alusão ao Dia da Consciência Negra.

O evento teve como convidados o palestrante Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira, abordando “A questão racial brasileira: ecos de uma voz dissonante”, e a Profa. Me.

Maria da Graça Reis Cardoso, abordando “Tambor de Mina: uma experiência com o sagrado a partir do Terreiro de Yemanjá”.

No ciclo da palestra, o professor Josenildo Pereira começou os seus apontamentos fazendo alusão histórica ao tráfico transatlântico e à escravidão negra, nos dando margem para compreender as consequências desse processo em nossa sociedade, utilizando como aporte teórico central a obra “Pele Negra, Máscara Branca” de Frantz Fanon, que desenvolve as relações raciais e coloniais do ponto de vista objetivo e subjetivo, tanto para o opressor quanto para o oprimido. Logo, a obra dialoga com outros autores da época como Sartre, Aimé Césaire, entre outros, e discute saídas para a dominação colonial do ponto de vista do oprimido, pois a descolonização vai ser um ato de emancipação política e econômica das colônias e é um ato de emancipação cultural do negro.

Figura 1: Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira proferindo palestra no evento do PIBID de História referente ao Dia da Consciência Negra, ocorrido no dia 19 de novembro de 2021 no CE João Evangelista Serra dos Santos²:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

A obra de Fanon traz a ideia da identidade negra que estava sendo colocada na época. Ao discutir a identidade negra, Fanon toma determinados cuidados para que não sejam repetidos os estereótipos que o colonizador criou. Então, ele busca afirmar uma identidade negra a partir da restituição de uma humanidade que o colonialismo buscou negar, pois uma das estratégias do colonialismo europeu foi reduzir o negro a estereótipos tais como a rítmica, a sensualidade, a musicalidade e os estereótipos criados

2 No auditório, da direita para a esquerda do leitor, a coordenadora de área Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira é a quarta pessoa da primeira fila. Na segunda fila, da direita para a esquerda do leitor encontram-se a pibidiana Elizabeth Rodrigues Silva e o pibidiano José Vinicius dos Anjos Reis. Da esquerda para a direita do leitor está a pibidiana Ingrid Dayanna Araújo Ferreira.

pelo racismo que cria um complexo de inferioridade no negro. O professor Josenildo Pereira, ao trazer a obra de Fanon, confronta esses estereótipos ao argumentar que o negro vai muito além disso e que ele tem a capacidade intelectual de ser o que ele quiser ser, pois o negro é um sujeito racional. O próprio Fanon é um exemplo, pois ele era negro vindo de uma colônia francesa que dialogou com a elite intelectual de sua época e produziu clássicos.

Portanto, uma das estratégias do colonialismo foi destituir os povos africanos de uma história ou de uma cultura ao negar uma história. O colonialismo até considerou uma história e uma cultura africana, mas sempre à margem da cultura do europeu. No entanto, Fanon fala da importância de o negro rescrever a sua história e a sua cultura enquanto história e cultura da humanidade. Afirma o negro enquanto exportador de elementos culturais que são legados para a humanidade, que vão muito além do exotismo ao qual o europeu tentou reduzir.

Figura 2: Profa. Me. Maria da Graça Reis Cardoso proferindo palestra no evento do PIBID de História referente ao Dia da Consciência Negra, ocorrido no dia 19 de novembro de 2021 no CE João Evangelista Serra dos Santos³:



Fonte: PIBID/História/UFMA;
“As diversas linguagens no ensino de História”.

Posteriormente, a Profa. Me. Maria da Graça Reis Cardoso proferiu sua palestra “Tambor de Mina: uma experiência com o sagrado a partir do Terreiro de Yemanjá”. Na abertura de sua fala, abordou a sua experiência enquanto praticante do sagrado a partir do Terreiro de Yemanjá e foi discorrendo a respeito da resistência das religiões de matrizes africanas. A professora Maria da Gra-

3 Na primeira fila do auditório, da direita para a esquerda do leitor: pibidiano Rafael Privado, pibidiana Camilly Pavão Ferreira, pibidiana Ingrid Dayanna Araújo Ferreira, coordenadora de área Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira, palestrante Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira, ouvinte Jorge Ricardo Silva de Melo, pibidiana Elizabeth Rodrigues Silva e pibidiano José Vinicius dos Anjos Reis.

ça Cardoso fala justamente sobre o fato de vivermos em um país predominantemente de cristãos, porém extremamente segregacionista quanto à existência de religiões de matrizes africanas.

É fundamental a prática do respeito à cultura do outro e às suas crenças. Tratando-se do ambiente da sala de aula em que o estudante está falando de um lugar, essa história faz parte da sua vivência, logo, cabe ao docente tematizar e levantar as questões. Assim, precisamos ter consciência sobre o que justifica as nossas ações, pois reconhecer a existência de outras religiões que não sejam o cristianismo, em especial as religiões de matrizes africanas, é recordar e validar a existência de outros sujeitos, de outras crenças.

Portanto, é uma forma de geração de sentido sobre a experiência. Sendo assim, a escola é um lugar de produção de conhecimento. Logo, é preciso vencer as adversidades do tempo corrido para olhar para seus alunos e ouvi-los, pois as sensibilidades fazem com que o professor leve os alunos a se colocarem no lugar dos outros e desperta nos discentes os sentimentos suscitados a partir daquilo que o professor problematiza em sala de aula. O ensino de História sensível precisa, sobretudo, promover a consciência de viver a diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ciclo de palestras ministradas pelos referidos professores foi essencial ao fomento da discussão sobre

o racismo e suas diversas formas de preconceitos muitas das vezes silenciadas. Alguns dados já são realidades: a maioria dos alunos de escola pública é negra. Ao permitir que seus alunos contem suas histórias, o docente verá que existe nessa oportunidade uma carga emotiva bastante alta, explore essas sensibilidades, levando o aluno a fazer a autocrítica. A prática de si orienta para que cada um se desfaça de seus maus hábitos de opiniões falsas que podem receber das multidões. O professor precisa conhecer seu aluno e levá-lo a apartar-se de si. Conhecer seu aluno fará com que o professor crie nele a função de luta, de combate permanente. É preciso dar aos nossos alunos as armas da coragem para lutar contra toda forma de violência e preconceito. Assim, essas armas podem ser conceitos como cidadania, democracia, respeito, coragem, alteridade, diferença entre outros. O professor não pode se esquecer que nem sempre o seu aluno gosta das mesmas coisas que ele. Portanto, o que devemos conhecer e trazer para a sala de aula é o mundo dos alunos; e nesse mundo o professor precisa inserir os debates necessários para a formação dos cidadãos, fazendo com que sintam e reflitam sobre a história de tantos homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

ESTEVES, Gabriel Papa Ribeiro. As relações étnico-raciais no Brasil: cultura e preconceito. In: *Redd: Revista Espaço de Diálogos e Desconexão*, vol. 10, n.2, p.111-117, 2018.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.

SANTOS, G. A. *A invenção do “ser negro”*: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SPITZER, Leo. *Vidas de Entremeio*. Assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780-1945. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

9.

A IMPORTÂNCIA DAS NOVAS METODOLOGIAS/ LINGUAGENS PARA O ENSINO/ APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA NA MODALIDADE DE ENSINO-REMOTO EM TEMPOS DE COVID-19

Anita dos Anjos Beims¹

1 Graduada em História na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pibidiana do PIBID de História do campus de São Luís (Edição 2020-2022), coordenado pela Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Morais Oliveira.

INTRODUÇÃO

O projeto do PIBID de História teve início em novembro de 2020. Nos meses em que os alunos estiveram em sala de aula foram realizadas atividades para a melhor formação dos futuros professores. O tempo de início do projeto coincidiu com a pandemia de COVID-19. Com isso, houve inúmeras dificuldades por parte dos pibidianos e demais envolvidos no projeto.

Ao longo dos meses houve a aplicação do projeto e também o enfrentamento das novas dificuldades que o ensino remoto trouxe por conta da pandemia.

Durante o período de aplicação do projeto, nós, pibidianos, ficamos em duas escolas: a primeira escola foi a Escola Modelo Benedito Leite, uma escola estadual que atende alunos do ensino médio; já a segunda escola foi a Escola João Evangelista Serra dos Santos, que também é uma escola estadual.

Em ambas as escolas em que o projeto foi desenvolvido as experiências foram vivenciadas de formas diferentes, por conta da pandemia os períodos em cada escola foram em tempos diferentes e isso também influenciou na aplicação do projeto.

Para uma melhor efetivação do PIBID/História, os pibidianos, coordenadora de área e supervisores das escolas em que o projeto foi desenvolvido se reuniam mensalmente de forma remota desde o início do projeto para um grupo de estudos que tinha como objetivo discutir novas metodologias de ensino.

Nessas novas metodologias que foram discutidas houve uma elaboração entre pibidianos e alunos que resultou em um evento que foi feito de forma online.

Durante o período em que o projeto foi aplicado, por conta da pandemia de COVID-19 os pibidianos acompanharam as aulas e demais atividades na escola de forma online. Também será discutido mais adiante sobre as dificuldades em que esse formato online trouxe para a aplicação do projeto.

REUNIÕES DO GRUPO DE ESTUDOS, SEMANA PEDAGÓGICA E EVENTOS

As primeiras atividades desenvolvidas entre os pibidianos, a professora coordenadora de área (Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira) e o professor supervisor da Escola Modelo Benedito Leite (*Robson Ruitter Mendonça Santos*) foi a reunião de apresentação de todos que participariam do PIBID. Tal reunião ocorreu no dia 02/12/2020. Na reunião foi explicado como seria o desenvolvimento do programa e como estava sendo a organização via aulas online.

Após esse primeiro contato com todos os integrantes do PIBID/História, os pibidianos foram separados por grupo e cada grupo foi colocado para uma turma. No dia 03/12/2020 houve o primeiro contato via Google Meet do meu grupo com a turma do segundo ano da Escola Modelo Benedito Leite.

As reuniões do Grupo de Estudos do PIBID de História começaram no dia 16/12/2020. Como o projeto do

PIBID é debater as novas metodologias no ensino de História, as reuniões mensais que ocorreram durante todo esse período focaram em estudar e debater essas novas metodologias de ensino nas salas de aula. Nessa reunião, eu e o meu grupo ficamos responsáveis para apresentar e debater o texto “A música nas aulas de história: o debate teórico sobre as metodologias de ensino”, de Olavo Pereira Soares. Após esse período a escola entrou em recesso.

Durante o mês de janeiro foi feita outra reunião do Grupo de Estudos do PIBID de História no dia 26/01/2021 na qual eu e meu grupo ficamos responsáveis pelo texto “As histórias em quadrinhos (HQS) e o ensino de História: Canudos entre textos e imagens”, de Paulo Augusto Tamanini e Jonathan Diogenes Costa. O texto foca na história de Canudos, mas no formato de HQS, um formato que chama a atenção do público mais jovem e também traz a reflexão de como essas novas metodologias são essenciais para um melhor ensino/aprendizagem.

No mês de fevereiro os pibidianos participaram através de via remota do encontro pedagógico que ocorreu na escola entre os dias 17/02/2021 e 29/02/2021. Nesses três dias ocorreram debates sobre o novo ensino médio, carga horária e debates sobre como ocorreria as aulas via remota durante os próximos meses.

No dia 27/02/2021 houve uma reunião entre os pibidianos, a professora coordenadora de área e o professor supervisor. Nessa reunião foram debatidas as questões que foram levantadas durante os três dias de encontro pedagógico. Também foram debatidas as dificuldades que poderiam vir a ocorrer devido ao ensino remoto.

As aulas retornaram no mês de março e no dia 24/03/2021 houve a primeira aula com a turma de segundo ano. As dificuldades do ensino remoto começaram a aparecer logo no início das aulas. Por se tratar de uma escola da rede pública de ensino, se tem alunos de diversas realidades. O que se pôde perceber foi um alto índice de evasão escolar. As aulas remotas foram muito desafiadoras para todos que estavam no ambiente escolar e em especial para os alunos que estavam enfrentando algum tipo de vulnerabilidade.

No dia 30/03/2021 houve uma reunião do Grupo de Estudos do PIBID de História em que foi debatido como estavam as atividades dos pibidianos na escola; cada grupo ficou responsável por apresentar um texto e a partir disso debater sobre o que foi apresentado. O texto que o meu grupo apresentou foi “As fontes literárias no ensino de História”, de Jean Pagès Blanch. O texto debatido trazia reflexões sobre a importância de se utilizar tais fontes; mostrava que as fontes literárias eram essenciais para uma aprendizagem mais ampla e mais dinâmica com outras áreas para além da História.

Ao longo dessas semanas, os pibidianos acompanhavam as turmas que ficaram responsáveis na escola e participaram das reuniões do Grupo de Estudos do PIBID de História que discutiam temas relacionados ao evento do Dia dos Povos Indígenas que ocorreria na escola.

No dia 31/03/2021 teve a primeira apresentação dos pibidianos sobre o projeto que seria proposto para que não somente a turma do segundo ano, mas também as demais turmas do ensino médio, pudessem participar. Na

semana seguinte, no dia 06/04/2021, os planejamentos do evento continuaram. E, para além da aula regular que ocorria, também começou a organização entre os pibidianos e os alunos para que pudessem desenvolver as atividades do Dia dos Povos Indígenas que ocorreria de forma online.

No decorrer do projeto se teve a divulgação do evento, sendo feito um folder no qual incluía as informações principais sobre o evento.

Figura 1: Folder do evento do Dia dos Povos Indígenas:



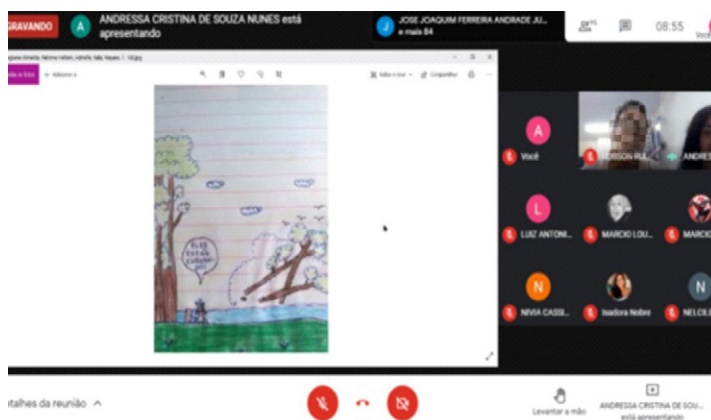
The image shows a flyer for an event. On the left is a photograph of a young Indigenous woman with black hair and red face paint. The right side of the flyer has a brown background with white text. The title is 'Cultura, trabalho, escravização e resistências dos povos indígenas no Brasil'. Below the title is a list of bullet points: 'História Indígena como fundamental para a educação das relações étnico-raciais no Brasil', 'Palestrante: Profª. Dra. Soraia Dornelles - Professora permanente do departamento de História e do PPGHIS da UFMA. É Líder do Grupo de Pesquisa CNPq Indígenas na História do Maranhão.', '19/04/2021 - das 09:00 às 10:00 horas da manhã', and 'Via Google Meet'. Below the list, it says 'Organização: PIBID HISTÓRIA', 'Coordenadora de Área: Professora Dra. Maria Izabel Barboza de Morais Oliveira - UFMA', and 'Supervisor: Professor Me. Robson Ruiter - C. E. Benedito Leite'. At the bottom left, it says 'C. E. Benedito Leite' and 'Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)- História- São Luis, MA'. At the bottom right is the logo of UFMA (Universidade Federal do Maranhão).

Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

No dia 19/04/2021 ocorreu o evento do Dia dos Povos Indígenas de forma online. Todas as turmas do ensino médio do turno matutino participaram. O evento

contou com a participação das turmas e entre os alunos houve divisão de grupos; cada grupo ficou responsável por apresentar algo relacionado à data. Como durante os meses anteriores houve a discussão de novas metodologias/linguagens no ensino/aprendizagem da História, os alunos ficaram livres para escolher as diferentes linguagens que iriam apresentar. Nas apresentações que ocorreram ao longo da manhã, os grupos apresentaram poesias, desenhos, vídeos e seminários sobre a temática indígenas, incluindo a temática indígena no Maranhão.

Figura 2: Captura de tela de uma das apresentações dos alunos do ensino médio do CE Benedito Leite no evento do Dia dos Povos Indígenas:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
 “As diversas linguagens no ensino de História”.

O evento do Dia dos Povos Indígenas também contou com uma palestra da Profa. Dra. Soraia Dornelles. Na palestra foi debatido sobre a importância da educação étnico-racial no Brasil. Após a palestra os alunos fizeram

perguntas sobre o tema e houve uma boa recepção sobre o tema abordado.

No dia 20/04/2021 houve uma continuação das apresentações do dia anterior, mas as apresentações ocorreram somente entre os grupos que não conseguiram apresentar no dia anterior e entre as turmas dos respectivos grupos. O evento que ocorreu de forma remota foi um desafio para todos que estavam envolvidos. O evento ocorreu bem, mas houve por parte dos alunos problemas de conexão que fizeram com que nem todos conseguissem apresentar no dia do evento.

Após o evento, os pibidianos continuaram a acompanhar as aulas de forma remota. No dia 31/05/2021 houve uma reunião do Grupo de Estudos do PIBID de História em que foi debatido o texto “Dialética do olhar no poema *O navio negreiro* de Castro Alves”, escrito por Arthur Bispo dos Santos Neto. A partir desse momento, os pibidianos já estavam planejando as atividades para o Dia da Consciência Negra que iria ocorrer em novembro. Com foco em novas metodologias/linguagens, começou-se a estudar temáticas como a escravidão e o racismo.

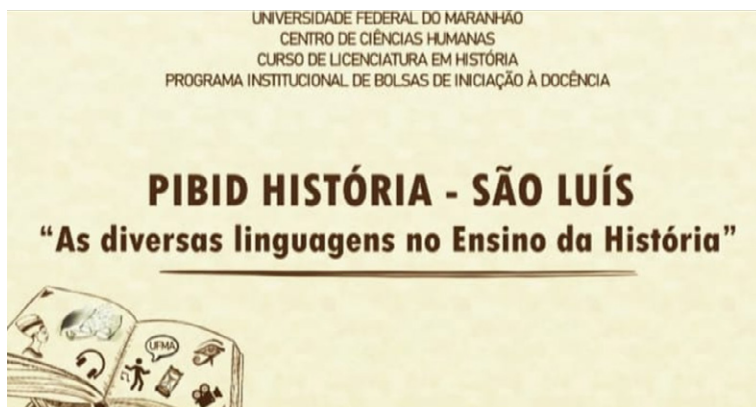
Nas semanas seguintes, os pibidianos continuaram a acompanhar as aulas via remota. No dia 29/06/2021 houve uma reunião do Grupo de Estudos do PIBID de História em que o meu grupo apresentou o texto “África, Travessia e Liberdade: Uma viagem historiográfica pela poesia de Castro Alves (1863-1870)”, de Rodrigo Ferreira da Silva. O texto continuou trabalhando na temática da história e literatura, mas focando nos povos que foram trazidos da África e escravizados, focou também nas

relações raciais em terras brasileiras. No dia 27/07/2021 houve uma reunião do Grupo de Estudos para debater textos que tinham temas voltados para a temática do Dia da Consciência Negra. O meu grupo ficou responsável pela apresentação do capítulo II da dissertação de mestrado “Cores e olhares no Brasil oitocentista: os tipos negros de Rugendas e Debret”, de Iohana Brito de Freitas.

No dia 02/08/2021 houve o 2º *Webfór - memórias de práticas educativas*. Foi um webinar de formação de professores do PIBID. Nesse webinar houve um compartilhamento de experiências entre os núcleos de formação dos professores e pibidianos de diferentes cursos de licenciatura.

Nesse encontro foi escolhido um pibidiano de cada projeto para relatar as experiências que os pibidianos já haviam tido até o momento.

Figura 3: Captura de tela da primeira lauda do slide apresentado no webinar 2º *Webfór - memórias de práticas educativas*:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

No dia 24/08/2021 o Grupo de Estudos do PIBID de História se reuniu e um dos textos que foram debatidos foi “Escravidão, Racismo e Sociedade: Debate na sala de aula e o diálogo entre as disciplinas de História e Artes”, escrito por Cleyton Rodrigues dos Santos e Mariane Cristina da Silva. Os textos continuaram voltados para as diferentes metodologias/linguagens e também para o diálogo entre as disciplinas, diálogo esse que é fundamental para uma visão mais ampla dos temas que se pretendem debater na sala de aula. No dia 30/08/2021 houve outra reunião do Grupo de Estudos do PIBID de História, com outro debate de textos que contribuía para ampliar os debates para o Dia da Consciência Negra no Brasil. O texto debatido foi “Narrativas visuais do Brasil oitocentista: Um estudo sobre apropriação de imagens no cotidiano escolar”, escrito por Adriana Chaves Zen.

No mês de outubro iniciaram as atividades dos pibidianos na escola João Evangelista Serra dos Santos. Nesse momento, os pibidianos, coordenadora de área e supervisora continuaram a aplicação do projeto na nova escola com foco no projeto do Dia da Consciência Negra que iria ocorrer no mês de novembro.

Por motivos da pandemia de COVID-19, as atividades do PIBID ainda não haviam voltado de forma presencial. Dessa maneira, os pibidianos continuaram a desenvolver as atividades de forma remota. Nesse período se sentiu uma dificuldade a mais para a aplicação do projeto. Como os alunos da Escola João Evangelista Serra dos Santos já estavam voltando suas atividades de forma presencial, percebeu-se uma certa barreira para uma me-

lhor efetivação do projeto. Durante o mês de outubro tentou-se ter uma inteiração com os alunos que foi bem recebida por alguns e por outros não.

No dia 30/10/2021 houve uma reunião do Grupo de Estudos em que um dos textos debatidos foi “Multimodalidade da Resistência Negra: uma análise visual crítica da materialidade discursiva em memes digitais”, escrito por Joana Sousa, Francisco Paiva e Eduarda Silva. O texto traz uma análise mais crítica, mostra como temas raciais são importantes para essa análise.

Durante o mês de novembro os pibidianos começaram a organizar o evento do Dia da Consciência Negra e também a divulgar o evento entre os alunos e demais funcionários da Escola João Evangelista Serra dos Santos.

Figura 4: Folder do evento do Dia da Consciência Negra:

PIBID/HISTÓRIA: As diferentes linguagens no ensino da História

A CULTURA RACIAL E A EXPERIÊNCIA AFRODESCENDENTE NO BRASIL

19.11.2021 SEXTA - 9H CE JOÃO EVANGELISTA SERRA DOS SANTOS

PALESTRANTES:

Maria da Graça Reis Cardoso
Professora do Departamento de Turismo e Hotelaria da UFMA; Doutoranda do PPGHIS-UFMA; Mestre em Educação; Turismóloga
"Tambor de Mina: uma experiência com o sagrado a partir do Terreiro de Yemanjá".

Josenildo de Jesus Pereira
Graduado em História, UFMA; mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Doutorado pela USP; Professor do curso de História/UFMA e do PPGHIS-UFMA
"A questão racial brasileira: ecos de uma voz dissonante".

Realização:

Fonte: PIBID/História/UFMA: “As diversas linguagens no ensino de História”.

Não pude participar do evento que ocorreu no dia 19/11/2021 na Escola João Evangelista Serra dos Santos. Por conta da pandemia, não me senti em segurança para participar do evento que ocorreria de forma presencial. Mas, durante os meses que antecederam o evento, estive presente em reuniões que discutiam temas relacionados.

Após o referido evento, no mês de dezembro os PIBIDIANOS que se sentiam seguros em retomar as atividades de forma presencial estavam autorizados a ir para a escola. Não me senti segura em retomar as atividades de forma presencial, mas estava sempre buscando entrar em contato de alguma forma com os alunos da escola. Foram feitas algumas tentativas de atividades via internet, mas os alunos que estavam no último ano do ensino fundamental maior não aderiram as atividades. Assim, as tentativas de atividades de forma online foram um desafio a mais para a aplicação do projeto. Durante o mês de dezembro, os alunos já estavam indo para o final do ano acadêmico, estavam em semanas de revisão de conteúdo e fazendo as provas do último bimestre.

No dia 28/12/2021 foi realizada a última reunião do ano do Grupo de Estudos do PIBID de História. O texto debatido foi “O livro didático e sua presença em aulas de História: contribuições da etnografia”, de Edilson Aparecido Chaves. O texto traz uma análise do livro didático ao passar dos anos no Brasil e também faz uma análise do mercado editorial e de como esse mercado movimentava milhões de reais anualmente. O texto também adverte sobre como é importante fazer uma análise sobre quais as referências bibliográficas do livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desses desafiadores meses no programa de iniciação à docência pude perceber com mais clareza, mesmo por via remota, em como esse programa agrega na vida do estudante universitário. As atividades que foram aplicadas e os debates e questionamentos feitos pelos alunos das escolas e também as discussões que foram elaboradas nas reuniões do Grupo de Estudos do PIBID de História foram de fundamental importância para uma melhor formação de futuros docentes.

Os eventos realizados de forma online foram um desafio para todos os que estavam envolvidos no projeto. Esse modelo remoto que teve que ser implantando por conta da pandemia mostrou como a sala de aula é para além de um local físico, quem faz a escola são todos os que estão envolvidos no ensino/aprendizagem. O modelo de evento online veio para mostrar que as transformações estão ocorrendo no mundo atual.

Acompanhar alunos de escolas públicas por um modelo remoto que de certa maneira é tão excludente foi desafiador, a falta de equipamentos básicos para alguns alunos os impedia de ter um melhor aprendizado. Também foi nítido que as políticas públicas quando bem aplicadas fazem com que os rendimentos desses alunos melhorem significativamente. O PIBID, para além de melhorar a formação docente, também contribui para uma visão do que é o ambiente escolar de forma mais ampla e humanizada. Mesmo em um sistema remoto de ensino, foi perceptível que essa visão do ambiente escolar é essencial,

principalmente quando se trata de escolas públicas nas quais convivem alunos de diferentes realidades.

O PIBID é essencial para a formação de futuros docentes. O programa traz uma visão mais humanizada do que é escola e de como esse ambiente é múltiplo; contribui para a confiança de futuros professores; e também traz um repertório que enriquece a formação durante o restante do tempo em que o pibidiano estará na universidade.

REFERÊNCIAS

- BLANCH, J. P. As fontes literárias no ensino de História. *OP SIS*, v.13, n. 1, p. 33-42, 2013.
- CHAVES, Edilson Aparecido. O livro didático e sua presença em aulas de História: contribuições da etnografia. *Educar em Revista*, v. 35, n.77, p. 159-181, 2019.
- FREITAS, Iohana Brito de. *Cores e olhares no Brasil oitocentista: os tipos negros de Rugendas e Debret*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- SANTOS NETO, Artur Bispo dos. Imagens dialéticas no poema O navio negreiro de Castro Alves. *Cadernos Benjaminianos*, n. 1, p. 55-73, 2019.
- SANTOS, Cleyton Rodrigues dos; SILVA, Mariane Cristina da. Escravidão, racismo e sociedade: Debret na sala de aula e o diálogo entre as disciplinas de história e artes. *Grau Zero-Revista de Crítica Cultural*, v. 2, n. 2, p. 17-44, 2017.

SILVA, Rodrigo Ferreira da. *África, travessia e liberdade: Uma viagem historiográfica pela a poesia de Castro Alves (1863-1870)*. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, 2017.

SOARES, Olavo Pereira. A música nas aulas de história: o debate teórico sobre as metodologias de ensino. *Revista História Hoje*, vol. 6, n.11, p. 78-99, 2017.

SOUSA, Joana Paula Silva; PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira; SILVA, Eduardo Dias da. Multimodalidade da Resistência Negra: uma análise visual crítica da materialidade discursiva em memes digitais. *Revista Diálogos*, v. 7, n. 3, p. 275-296, 2019.

TAMANINI, Paulo Augusto; COSTA, Jonathan Diogenes. As histórias em quadrinhos (HQs) e o ensino de história: Canudos entre textos e imagens. *A Revista HISTEDBR On-line*, v. 20, p. 01-25, 2020.

ZEN, Alessandra Chaves. *Narrativas visuais do Brasil oitocentista: um estudo sobre apropriação de imagens no cotidiano escolar*. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, 2013.

10.

ENSINO DE
HISTÓRIA EM
TEMPOS DE
PANDEMIA:
webinário sobre
a importância da
história indígena
para a educação
das relações
étnico-raciais

Raquel Da Conceição Siqueira Araújo¹

1 Graduada em História na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pibidiana do PIBID de História do campus de São Luís (Edição 2020-2022), coordenado pela Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira.

INTRODUÇÃO

Uma das maiores dificuldades encontradas para a execução do projeto do PIBID de História foi não criar conexão direta com os alunos pela falta de contato presencial entre os bolsistas e os alunos das escolas participantes do projeto. Contudo, a tecnologia está sendo aliada à educação, sendo uma ferramenta para contornar as dificuldades encontradas numa sociedade isolada por conta da pandemia de Covid-19.

Durante o período de execução do projeto (novembro de 2020 a abril de 2022), promovemos diversas reuniões, eventos e aulas, sendo algumas dessas feitas de forma assíncrona e outras de forma síncrona. O projeto acabou sendo desenvolvido em duas escolas. Na primeira, Centro de Ensino Benedito Leite, foi realizado o webinar no Dia dos Povos Indígenas, 19 de abril de 2021. Na segunda, CE João Evangelista Serra dos Santos, tivemos o privilégio de poder realizar um evento presencial, no dia 19 de novembro de 2021 (referente ao Dia da Consciência Negra), graças aos avanços da vacinação, tendo pela primeira vez contato com os alunos.

PANDEMIA DE COVID-19 E WEBINÁRIO REFERENTE AO DIA DOS POVOS INDÍGENAS

O Projeto foi desenvolvido em duas escolas. A primeira se chama CE Benedito Leite, localiza-se à R. Santo Antônio, S/N, Centro, São Luís, Maranhão, tendo como supervisor o Prof. Me. Robson Huitter Santos. A segunda, chamada CE João Evangelista Serra dos San-

tos, localiza-se à R. Onze, S/N, bairro São Francisco, São Luís, Maranhão, sob a supervisão da Profa. Ana Célia Coelho Galdez.

Durante todo o período de desenvolvimento do projeto, convivemos inseridos na sociedade marcada pelo distanciamento social devido à pandemia de Covid-19. Tal contexto nos levou a reinventarmos o modo tradicional de educar. Refletimos constantemente sobre como poderíamos chamar a atenção dos nossos alunos e os levar a aderir as atividades propostas.

Outro desafio enfrentado foi a dificuldade de criar conexão com os alunos sem o contato presencial, apenas com os encontros virtuais semanais nos quais participamos como ouvintes nas aulas rotineiras de História com o professor Robson Huiteir Santos, que era responsável pelas turmas do terceiro ano do Ensino Médio e também nosso supervisor do PIBID ainda no CE Benedito Leite.

Mensalmente, participamos de encontros virtuais do Grupo de Estudos do PIBID de História com a presença do supervisor Robson Huiteir e da coordenadora de área Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira em que discutíamos e planejávamos metodologias que posteriormente aplicaríamos com os alunos.

Um dos temas das reuniões mensais foi a utilização da história em quadrinhos no ensino de história, baseado nos artigos “Histórias em quadrinhos e ensino de História”, de Douglas Mota Xavier de Lima, e “A utilização de Histórias em Quadrinhos no ensino de História”, de Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal, concluímos

que o uso das HQs seria um dos meios de tornar o ensino remoto menos cansativo e repetitivo.

Buscando a interdisciplinaridade, a adesão dos alunos e seu protagonismo na educação, propomos uma atividade que seria apresentada no dia 19 de abril de 2021, quando é comemorado o Dia dos Povos Indígenas, o webinar “Cultura, trabalho e resistências dos povos indígenas no Brasil”.

Neste evento, os alunos do 1º ano do CE Benedito Leite iriam fazer pesquisas sobre os indígenas brasileiros a partir de vídeos, documentários e textos propostos por nós Pibidianos, além de elaborar um quadrinho expondo o que eles concluíram da pesquisa. Já os alunos do 3º ano ficaram responsáveis por elaborar poesias para serem apresentadas também no Dia dos Povos Indígenas de 2021.

Figura 1: Flyer do evento “Cultura, trabalho e resistências dos povos indígenas no Brasil”:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
 “As diversas linguagens no ensino de História”.

O webinário contou com a participação da Profa. Dra. Soraia Sales Dornelles, professora adjunta do Curso de História na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pesquisadora em História Indígena e do Indigenismo, para complementar os conhecimentos adquiridos pelos alunos. A professora proferiu a palestra com o tema “História indígena como fundamental para a educação das relações étnico-raciais no Brasil”.

Figura 2: Quadrinho apresentado por alunos no 1º ano do CE Benedito Leite no evento do Dia dos Povos Indígenas:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

Durante o período que desenvolvemos o projeto, acabamos mudando para a segunda escola aqui citada, João Evangelista Serra dos Santos, onde planejamos um

evento comemorativo do Dia da Consciência Negra, intitulado “A Cultura Racial e a Experiência Afrodescendente no Brasil”. Para, novamente, chamar a atenção dos alunos e os levar a aceitar nossas atividades, enviamos documentários e vídeos que abordavam temas como relações de raça, racismo, intolerância religiosa.

O evento ocorreu de forma presencial no dia 19 de novembro de 2021, na escola João Evangelista Serra dos Santos, e contou com a presença do Prof. Dr. Josenildo Pereira, que ostenta em seu currículo vasta experiência de pesquisa em Cultura Afro-brasileira e Educação e relações étnico-raciais no Brasil. O referido professor concedeu uma palestra com o tema “A questão racial brasileira: ecos de uma voz dissonante”.

O evento contou ainda com a palestra da Profa. Me. Maria da Graça Cardoso, “Tambor de Mina: uma experiência com o sagrado a partir do Terreiro de Yemanjá”. A professora tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: comunidades quilombolas, etnicidade, turismo, e patrimônio afro-brasileiro.

Figura 3: Pibidianos(as), coordenadora de área, supervisora, diretora do CE João Evangelista Serra dos Santos e professores palestrantes²:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

Após esse evento inicial, começamos a rotina de aulas, onde pudemos acompanhar o dia a dia na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto foi de fundamental importância para compreender o funcionamento rotineiro de duas escolas públicas localizadas em bairros periféricos da cidade de São Luís-MA. Além de nos ajudar a utilizar a tecnolo-

2 Da direita para a esquerda: pibidiano José Vinicius dos Anjos Reis, pibidiano Rafael Privado, pibidiana Raquel da Conceição Siqueira Araújo, pibidiana Camilly Pavão Ferreira, palestrante Profa. Me. Maria da Graça Cardoso, palestrante Prof. Dr. Josenildo Pereira, coordenadora de área Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira, diretora da escola Profa. Elcia Luciene Cantanhede Fiuza, supervisora Profa. Ana Célia Galdez, pibidiana Ingrid Dayanna Araujo Ferreira, pibidiana Ana Karen Lopes Almeida, pibidiana Elizabeth Rodrigues Silva e o ouvinte Jorge Ricardo Silva de Melo.

gia como ferramenta de ajuda no alcance da educação e de superação das dificuldades impostas pela pandemia de Covid-19. O evento realizado de forma virtual na escola Benedito Leite no Dia dos Povos Indígenas (19 de abril de 2021) sobre questões étnico-raciais foi de extrema relevância aos alunos desta escola. O evento ocorrido em 19 de novembro de 2021 de forma presencial na escola João Evangelista Serra dos Santos sobre o Dia da Consciência Negra também foi muito importante tanto para os alunos como para os(as) pibidianos(as).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CEB n. 13/2012 de 10 de Maio de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 jul. 2012, p. 18.
- BRASIL. *Lei 11.645/2008*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm
- ESTEVES, Gabriel Papa Ribeiro. As relações étnico-raciais no Brasil: cultura e preconceito. In: *Redd: Revista Espaço de Diálogos e Desconexão*, vol. 10, n. 2, p.111-117, 2018.
- LIMA, Douglas. História em quadrinhos e ensino de História. *Revista História Hoje*, vol. 6, n. 11, p. 147-171, 2017.

PORTUGAL, Ana Raquel. A utilização de história em quadrinhos no ensino de história. *Camine: Caminhos da Educação*, v. 7, n. 2, p. 201-211, 2015.

11.

ENSINO DE HISTÓRIA E O PIBID: uma reflexão sobre os desafios da Iniciação à Docência no contexto da COVID-19 (2020-2022)

Andressa Cristina de Sousa Nunes¹

1 Graduada em História na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pibidiana do PIBID de História do campus de São Luís (Edição 2020-2022), coordenado pela Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Morais Oliveira.

INTRODUÇÃO

O curso de Licenciatura em História tem como objetivo formar profissionais habilitados para lecionar “História” na Educação Básica, período no qual os discentes passam por diferentes componentes curriculares, capazes de fundamentar o processo de ensino-aprendizagem para o desenvolvimento da prática docente com responsabilidade e compromisso com o saber histórico e a sociedade.

Ainda assim, outras experiências contribuem à formação docente, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) que, além de oportunizar a prática da teoria, promove trocas de conhecimento com a comunidade escolar. À vista disso, trata-se dos desafios da Iniciação à Docência neste trabalho, em virtude do projeto ser desenvolvido no contexto de uma pandemia, a COVID-19, na qual o distanciamento social tornou-se essencial para salvar vidas, culminando no fechamento das escolas, e retomada das aulas virtualmente: ensino remoto/aulas *online*.

Deste modo, o Curso de História, campus São Luís, desenvolveu entre 2020-2022 atividades pelo PIBID/História com o subprojeto “As diversas linguagens no ensino de História”, nas quais foram trabalhadas diferentes competências e habilidades para se pensar o ensino de História, em especial o uso de fontes e documentos por meio da literatura, música, histórias em quadrinhos e pinturas históricas.

Por isso, destaca-se na construção deste relato a “Jornada Pedagógica no Centro de Ensino Benedito Leite”,

por ser o primeiro contato com o corpo docente da escola e organização do ano letivo para o formato híbrido. Posteriormente, tem-se a “Formação continuada: grupo de estudos e planejamento das atividades”, por se tratar de encontros mensais para discussão de textos e organização das atividades para o ensino da História em sala de aula. Adiante, relata-se a experiência em torno do Evento *online* sobre o Dia dos Povos Indígenas, no CE Benedito Leite, primeiro evento organizado pelos alunos do PIBID e a coordenadora de área no formato remoto.

Por fim, a Organização do evento presencial sobre o “Dia da Consciência Negra” no CE João Evangelista Serra dos Santos, momento no qual tivemos que preparar os alunos para um evento presencial, no retorno gradual/presencial das atividades. Sendo assim, a metodologia utilizada consiste em analisar qualitativamente estas experiências, com base em registros fotográficos, anotações pessoais, *prints*, textos, vídeos e observações que realizei ao longo das atividades, a fim de refletir sobre a formação discente para a docência.

JORNADA PEDAGÓGICA, FORMAÇÃO CONTINUADA E EVENTOS

A Jornada Pedagógica no CE Benedito Leite nos dias 17, 18 e 19 de fevereiro de 2021 foi presencial para os professores; devido às restrições de segurança sanitária, os Pibidianos acompanharam as reuniões na modalidade remota, sem intervenções, apenas observando e tomando nota acerca dos debates em torno do planejamento da

volta às aulas, além das adequações sobre o “Novo Ensino Médio”. O supervisor do PIBID/História na escola, professor Robson Ruter Mendonça Santos, realizou o compartilhamento da reunião via “Google Meet” (figura 1) em que foram apresentados o planejamento da escola, junto ao calendário escolar, distribuição das turmas, tempo das disciplinas, acolhimento dos alunos, além das abordagens metodológicas que poderiam ser utilizadas.

Figura 1: Captura de tela da Jornada Pedagógica do CE Benedito Leite:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de história”.

Na Jornada Pedagógica foi possível conhecer um pouco sobre a dinâmica da escola, a reorganização das aulas para o formato remoto, as dificuldades dos professores no uso das plataformas digitais e a condição de acesso dos alunos aos conteúdos. Por outro lado, essa experiência foi

limitada pela baixa qualidade na transmissão de áudio e vídeo, deixando algumas informações fragmentadas, que somado ao barulho ambiente dificultaram a compreensão dos debates em determinados momentos.

Portanto, é possível compreender que a Jornada Pedagógica contribuiu para a formação discente por contemplar o planejamento das ações docentes na escola, sendo possível conhecer a rotina escolar e o processo de organização do ano letivo.



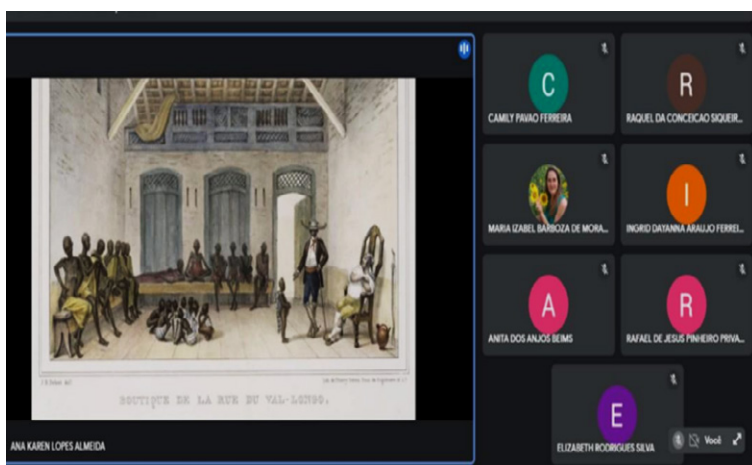
Libâneo (1998, p. 221) afirma que o “planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino”. Portanto, planejar e organizar as atividades é uma tarefa contínua para que os objetivos traçados sejam realizados.

À vista disso, o Grupo de Estudos do PIBID de História, coordenado pela coordenadora de área do PIBID/História, Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira, foi muito importante durante as atividades do subprojeto. Os encontros ocorreram uma vez por mês desde dezembro de 2020 e contribuíram para o planejamento e discussão das atividades realizadas na escola, bem como para debatermos artigos científicos sobre as diversas linguagens no ensino de História.

Desse modo, as reuniões foram utilizadas para discussão e análise de textos sob a mediação da coordenado-

ra e do supervisor do PIBID de História, cujos conteúdos tratavam dos tipos de fontes históricas que podem ser usadas em sala de aula, bem como os conceitos construídos para compreender a historicidade dos fatos apresentados e problematizá-los a partir das diferentes modalidades de fontes: materiais, escritas, iconográficas, orais e virtuais.

Figura 2: Captura de tela da Reunião do Grupo de Estudos do PIBID de História do dia 24/08/2021:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

Diante disso, a reunião do Grupo de Estudos realizada no dia 24/08/2021 (figura 2) refere-se ao tema “A Pintura Histórica no Ensino de História”. Divididos em grupos, apresentamos o contexto e o objetivo do artigos sobre o tema, em que procedi com “A pintura da vida prosaica: pobreza e escravidão nas aquarelas de Debret”, de Anderson Ricardo Trevisan. Minha abordagem contemplou a análise da pintura em diferentes contextos,

bem como seu uso em sala de aula nos livros didáticos e atividades.

Desta maneira, a pintura histórica contribui como uma materialização do passado vivido, carregada de abstrações, idealizações e representações do cotidiano, que recebem as impressões do artista; logo, os alunos são receptores desse conteúdo, principalmente pelas pinturas estarem nos livros didáticos, proporcionando diálogos sobre temáticas relativas à história do Brasil e suas gentes (Santos; Silva, 2014).

Por isso, a partir dessa experiência podemos orientar os alunos sobre o contexto de um documento: quem produziu, quando, onde e quais os interesses e olhares envolvidos; além de debater de que forma cada tipo de documento pode ser usado no processo de ensino-aprendizagem, gerando uma leitura crítica da pintura a outras linguagens como músicas, HQ's e literatura. Inclusive, esse espaço proporcionou trocas de experiências, discussão sobre nossas dificuldades e sugestões de melhorias.



Entre as atividades realizadas pelo PIBID de História está o evento sobre o Dia dos Povos Indígenas no dia 19 de abril de 2021, intitulado “Cultura, trabalho e resistências dos povos indígenas no Brasil”, desenvolvido entre 25 de março e 23 de abril de 2021; o projeto incluiu uma palestra educativa, intitulada “História indígena como fundamental para a educação das relações étnico-raciais

no Brasil”, ministrada pela Profa. Dra. Soraia Dornelles, assim como apresentação de trabalhos sobre os indígenas no Brasil pelos alunos da escola.

Um dos procedimentos adotados foi a aplicação de um questionário via *Google Formulários* compartilhado nos grupos de *whatsapp* das turmas, para coletar dados referentes aos conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema, no qual perguntamos “nome”, “turma”, “idade”, “cor/raça”, com o questionamento: “O que você sabe sobre os indígenas no Brasil e no Maranhão?”

Figura 3: Questionário diagnóstico aplicado via *Google Formulários* compartilhado nos grupos de *whatsapp* das turmas do CE Benedito Leite:



The image shows a screenshot of a Google Form interface. At the top, there are tabs for 'Perguntas', 'Respostas' (with a count of 104), and 'Configurações'. Below the tabs is a header image of a person wearing a traditional feathered headdress and a white face mask. The main title of the form is 'INDÍGENAS NO BRASIL E NO MARANHÃO - PIBID/UFMA'. The introductory text reads: 'Este questionário possui o objetivo de entender o que você sabe ou já ouviu falar sobre os indígenas no Brasil e no Maranhão. É importante que você diga como vê os indígenas, o que conhece e pensa sobre. A sua opinião é muito importante, por isso, gostaríamos de saber o que pensa.' At the bottom, it states: 'Atividade desenvolvida pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), por meio do Curso de História da Universidade Federal do Maranhão - campus São Luís; em parceria com o Centro de Ensino Benedito Leite.' On the right side of the form, there is a vertical toolbar with icons for adding, deleting, and other editing functions.

Fonte: PIBID/História/UFMA:
“As diversas linguagens no ensino de História”.

O questionário foi aplicado entre 24 e 27 de março de 2021. O objetivo foi entender o nível de conhecimento dos alunos em relação ao tema proposto no projeto, com isso as respostas foram diversas. O questionário recebeu 104 respostas, observando-se que muitos alunos responderam com “não sei”, “nada”, “muito pouco”, além de realizarem pesquisas em sites para demonstrar sua opinião e fornecer impressões gerais sobre os indígenas, ou mesmo descrevê-los como imigrantes. Desse modo, os resultados ajudaram a direcionar melhor as atividades, assim como para conhecer o público alvo.



A partir da coleta dessas informações, foi lançada a proposta aos alunos para produzirem atividades sob nossa orientação, com participação não-obrigatória, mas com boa adesão dos alunos.

Posteriormente, criei um grupo para orientação do evento no *whatsapp* e pontuei sobre textos, filmes e documentários como “Guerras da Conquista”, “Povos Indígenas na atualidade” e “Povos Indígenas no Brasil”, além da cartilha “Os índios do Maranhão - O Maranhão dos índios”, a fim de familiarizá-los com o evento e auxiliar com sua atividade.

Neste projeto, trabalhei junto ao 1º ano do ensino médio na organização de grupos e trabalhos individuais sobre os povos indígenas no Brasil e no Maranhão. Então, entre 12 e 16 de abril de 2021, os alunos trabalharam

nas atividades, fazendo-se uso do *whatsapp* para comunicação e do *Google Meet* para reuniões de ‘apoio’ aos alunos (figura 6), reunião realizada com grupos do 1º ano no dia 15 de abril de 2021. Ainda assim, na semana anterior ao evento, acompanhei vários alunos com suas pesquisas, dúvidas e supervisão na construção dos trabalhos, também testei e ensinei a usar aplicativos como *Canva* e *Comica*, pensando na construção de vídeos e quadrinhos.

Posteriormente, o evento foi realizado no dia 19 de abril de 2021 com a palestra da professora Soraia Dorneles e apresentação de alguns trabalhos dos alunos, que se estenderam ao longo da semana nas aulas de História do primeiro ano. O resultado foi a produção de poesias, pesquisas sobre curiosidades dos povos indígenas, alimentação, pintura corporal e religiosidade indígena, sob formato de desenhos, vídeos, charge, quadrinhos, música e seminários.

Todavia, organizar este evento remotamente também se mostrou muito cansativo por diferentes motivos: o período de adaptação dos alunos às aulas *online*; dos alunos do 1º ano não se conhecerem devido as turmas terem sido formadas na pandemia; pela dificuldade de acesso à *internet* e ausência de equipamentos de alguns alunos (celular e/ou computador); assim como pelas relações entre os alunos, pois em determinados momentos medieei conflitos entre as equipes, reorganizando-as.

Ainda no dia do evento, o professor Robson Ruitter Santos, supervisor do PIBID de História, ficou responsável pela sala do *google meet*. Apesar da escola garantir suporte tecnológico para o evento, isto não ocorreu, e a

plataforma estava limitada a 100 pessoas por 60 minutos pelo acesso gratuito, resultando na dificuldade dos alunos em acessar a sala virtual. Muitos não conseguiram entrar ou fizeram revezamento para acompanhar os trabalhos e a palestra, além das interrupções a cada hora para abrir uma nova sala.

Por isso, projetos como o PIBID auxiliam no processo de familiarização dos pibidianos com o contexto escolar, a se pensar planejamento de aulas e trabalhos em equipe, a seleção de conteúdos, mediação de conhecimentos entre os alunos, e principalmente as relações interpessoais entre alunos e professores, além da nossa capacidade de organização e mobilização das turmas para o projeto. No meu caso, ainda lidei com problemas familiares e a dificuldade de alunos para fazer a atividade por dividirem o espaço de aula com tarefas domésticas.



No CE João Evangelista Serra dos Santos destaca-se a organização do evento sobre o “Dia da Consciência Negra - 20/11” que ocorreu presencialmente no dia 19/11/2021, devido ao retorno gradual das aulas na escola. Por este motivo, foi organizado o evento: “A cultura racial e a experiência afrodescendente no Brasil”. A logística acompanhou o retorno das aulas com protocolos de segurança; neste caso, a participação dos alunos ocorreu como ouvintes.

Desta forma, passamos ao planejamento das atividades, nas quais foram pensadas duas palestras, uma com

abordagem sobre a questão racial no Brasil e outra sobre as crenças de matriz africana, objetivando oferecer aos alunos um amplo contexto acerca das pautas existentes em torno do “Dia da Consciência Negra”, além de proporcionar debates relevantes nessa readaptação de volta às aulas.

Assim, para divulgar o evento na escola foi produzido um *flyer* com as informações principais das palestras intituladas respectivamente: “Tambor de Mina: uma experiência com o sagrado a partir do terreiro de Yemanjá”, que seria proferida pela Prof^a Me. Maria da Graça Reis Cardoso (Doutoranda em História no PPGHis/UFMA); e “A questão racial brasileira: ecos de uma voz dissonante”, a ser proferida pelo Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira (Doutor em História pela USP e professor do PPGHis e do curso de História/UFMA).

Diante disso, minha participação consistiu em preparar os alunos para o evento. Com isso, a partir do dia 02 de novembro de 2021, o grupo do *whatsapp* da turma foi usado para compartilhar textos, documentários e vídeos da plataforma *YouTube* para introduzir conceitos e explicações sobre o tema das palestras. Além disso, os alunos puderam realizar inscrição no site de eventos da UFMA (<https://sigeventos.ufma.br/>) para receberem certificado de participação.

Desse modo, passamos a supervisionar e orientar os alunos quanto ao acesso de materiais e objetivos do evento; inclusive, além de indicar materiais, disponibilizei arquivos para *download* no *whatsapp*. Entre os materiais sugeridos estão: o especial “Terra de Direitos” com a produção “O

que é Consciência Negra?"; "UFSC explica - consciência negra"; e uma breve abordagem sobre a religiosidade com o vídeo "Racismo Religioso - vídeo educativo", além de realizar diálogo constante sobre o evento.

Figura 6: Pibidianos(as), coordenadora de área, supervisora, diretora do CE João Evangelista Serra dos Santos e professores palestrantes²:



Fonte: PIBID/História/UFMA:
 “As diversas linguagens no ensino de História”.

As turmas se dividiram para acompanhar as palestras; e a escola forneceu suporte para a realização do evento. Por se tratar de uma nova turma, as dificuldades maiores foram mobilizar os alunos e explicar sobre o projeto, em especial nos grupos de *whatsapp*, pois o excesso de

2 Da direita para a esquerda: pibidiano José Vinicius dos Anjos Reis, pibidiano Rafael Privado, pibidiana Raquel da Conceição Siqueira Araújo, pibidiana Camilly Pavão Ferreira, palestrante Profa. Me. Maria da Graça Cardoso, palestrante Prof. Dr. Josenildo Pereira, coordenadora de área Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira, diretora da escola Profa. Elcia Luciene Cantanhede Fiuza, supervisora Profa. Ana Célia Galdez, pibidiana Ingrid Dayanna Araujo Ferreira, pibidiana Ana Karen Lopes Almeida, pibidiana Elizabeth Rodrigues Silva e o ouvinte Jorge Ricardo Silva de Melo.

mensagens dos alunos dificultou o fluxo de informações; ainda tive que elaborar um passo a passo do acesso do Sigeventos e indicar outros materiais disponíveis *online* para acesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de licenciatura em História promove ao longo da graduação contato com teorias e debates que enriquecem a formação dos discentes. No entanto, a passagem de “ser aluna” a “ser professora” é um espaço que vai se construindo com o auxílio do PIBID, isto é, a experiência de estar em sala de aula e agir como mediador do conhecimento para os alunos nos permite conhecer o cotidiano escolar, suas dificuldades, necessidades, as relações entre professores e alunos, bem como o contexto sociocultural das escolas.

Inclusive, uma das particularidades desta experiência é o contexto no qual foi desenvolvido o projeto - uma pandemia - ou seja, trabalhamos com a comunidade escolar em condições atípicas e novas com o ensino remoto - observar aulas, organizar materiais e mobilizar os alunos para as atividades *online* - um virtual inovador e desafiador para a prática docente, uma vez que todos estávamos vivenciando essa experiência de transposição das aulas para as mídias digitais.

Portanto, a participação no PIBID é fundamental para os alunos da graduação por nos permitir participar do processo educativo e experienciar situações que podem

ocorrer no cotidiano de um professor, uma oportunidade para aprender sobre planejamento escolar e conhecer as dificuldades existentes, enquanto estamos sendo preparados para ser professores de História.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO CARLO UBBIALI. INSTITUTO EKOS. *Os índios do Maranhão - O Maranhão dos índios*. São Luís, 2004. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/os-indios-do-maranhao-o-maranhao-dos-indios> Acesso em 15 Abr. 2021.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez Editora, 2006.
- SANTOS, Cleyton Rodrigues dos; SILVA, Mariane Cristina da. ESCRAVIDÃO, RACISMO E SOCIEDADE: Debret na sala de aula e o diálogo entre as disciplinas de História e Artes. *Revista Grau Zero*, v. 2, n. 2, p. 17-44, 2014.
- SANTOS, G. A. *A invenção do “ser negro”*: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional
conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

**TÍTULO: AS DIVERSAS LINGUAGENS
NO ENSINO DE HISTÓRIA I**

ORGANIZADORA Maria Izabel Barboza de Morais Oliveira
PROJETO GRÁFICO Francisco Batista Freire Filho
PÁGINAS 145
TIPOGRAFIA Adobe Garamond Pro | MANCHA DE TEXTO
Candara | TÍTULOS



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

ISBN 978-65-5363-559-3



9 786553 635593